



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª

TERÇA-FEIRA 3 DE MAIO.

Ns. 640.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama*
2 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dando-lhe communicacão das seguintes ruas nas quaes, pelo estado porco em que se acham, parece que ainda não viram limpeza, depois da inauguração da actual activa e habilitada empreza.

São ellas—largo do Barbalho, onde um monturo colossal está se elevando; rua da Valla, desde a quina do Caminho Novo ao estabelecimento do aceio: Este pedaço é um deposito suprido de podridões de toda especie. Pau da Bandeira, onde devia haver menos deleixo, para não ficar a presidencia de exagerada nos elogios que teceu ao homem do cisco; Ladeira da Misericordia, Becco do Curiaxito, Ladeira da Garapeira e outras muitas.

Espera-se que S. S., cuja boa vontade em cortar abusos aprecia-se, chame ao feliz donatario desta macia sinecura e o advirta da maneira leonina porque vae elle abiscoitando os cobres do povo.

—O conselho da sociedade Monte-Pio dos Artifices, em sessão de 1.º de maio, nomeou uma commissão composta dos Exm. Srs. barão de S. Lourenço, Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha e João José d'Oliveira Junqueira, para felicitarem, em nome dessa sociedade a S. M. o Imperador, pela feliz terminação da guerra contra o despota do Paraguay.

—Capitão, quer ouvir o que são certos padres e como usam elles da religião que administram?

—A respeito de padres estou bem inteirado.

—O que lhe vou contar, é tão verdade como a propria verdade e passou-se não fazem 15 dias nesta cidade.

—Para mim basta sua palavra.

—Uma mulher flagellada de terrivel molestia, que vae gastando a vida lentamente, acha-se ás portas da morte.

Um ministro do altar está á sua cabeceira. Em nome do Christo vae levar lhe os ultimos alentos do spirito e preparal-a a entrar na vida eterna.

A enferma, na confissão, declara ao padre que tem duas filhas, unico pezar que leva ao deixar este mundo.

Na pobre saleta, onde se passa esta scena de dor e consternação, está uma linda moçinha de quem o padre não tira os olhos e que, na occasião, toma por uma das filhas da doente, quando ella é sobrinha de uma companheira de morada desta.

Acabada a confissão, o sacerdote que tinha entrado naquella casa para absolver peccados, consolar afflictos e mitigar dores d'alma, em nome d'AQUELLE que veio remir o mundo, chama a menina de parte e diz-lhe:

«—Sua mãe, no estado em que está, não se levanta mais dalli. V. quer ir para minha casa? Fica com minha irman, que lhe ha de tratar divinamente. E' melhor do que estar nesta miseravel pobreza.»

A menina nada teve a responder.

—Acredite-se em padres! Creia-se em confissões.

—No outro dia, o Cupido de sotaina foi levar um corte de bonita chita para a menina fazer chambre e continúa com frequencia em sua adiantada seducção.

—Esse homem não é ministro de Deus, é enviado de Satanaz.

—Pois veja, como um cultor da vinha do Senhor, transforma-se em lagarta para estragar a seara, levando a um tempo a prostituição a uma virgem, e a perdição uma alma, visto que a enferma quando o vê entrar em casa, sente visivel horror por esso cynico; tanto quo ja lhe aconselharam que se reconciliasse de novo, por que a confissão quo fez, é nulla.

—Estou cansado de ouvir tanta devassidão. Diga-me por fim o nome desse corvo.

—Ha de ser depois. Por ora, si quer conhecê-lo, mande uma pessoa postar-se nos *Afflictos* que ha de vel-o passar para a sua conquista amorosa.

Note que ahí é o caminho. A casa da doente não é nos *Afflictos*.

—Não é desta maneira que a religião de Jesus Christo é uma religião de charidade e amor do proximo.

—Não é com taes ministros que ella «será como o sol: luz sobre toda a terra, sem que lhe maculem o brilho os logares impuros sobre que dardeje.»

—O garfo não é somente um instrumento cuja util serventia é transmittir as regiões do paladar saborosas ignarias.

Nas mãos de qualquer cabeça inchada, torna-se uma arma perigosa.

—Mortifera até.

—Um tal Epiphanio, homem resingueiro, esquentou-se com a *camarada* e sangrou-a á garfo.

—Onde foi isso?

—No Caes Dourado.

—Como andam os homens sanguinarios!

—Todas as repartições officiaes punem as infracções de seus regulamentos por meio de penas e multas impostas por seus agentes.

—O mesmo são as empresas publicas.

—Os poderes publicos, á quem infringe a lei, manda submeter á um processo e depois de condemnado é que se soffre.

Os carroceiros do accio, não; por suppostas infracções insultam, injuriam e ameaçam com pancadas.

—Pois elles não são os legitimos agentes do homem do cisco?

—O que varre na Estrada Nova, de S. Miguel á Baixa dos Sapateiros, apparece uma vez na semana e nesse dia solta a lingua sobre os pacíficos moradores.

O Sr. José Pedro da Silva Para-assú, cidadão honesto e proprietario, incorreu na animadversão do rixoso varredor. E como o homem é de côr preta, era todo dia chamado de negro e mimoseado com outras amenidades offensivas.

Um dia em que ouviu a maneira porque era tratado, dirigiu-se ao carroceiro e observou-lhe que sua obrigação era apanhar o cisco da rua e vendo alguém despejar, chamar o fiscal para executar as disposições municipaes.

Bocca que tal dissestes!

Teve em recompensa os epitictos de negro, filho da p...; que não cagasse mais regra, ao contrario lhe quebrava a cara, e por esse theor

levou a mais nojenta descompostura que se pode ouvir.

—Isso é mesmo provocar.

—Agora no domingo, o mesmo carroceiro vae á porta do Sr. Marcolino J. da C. Pitta e diz-lhe em tom grosseiro:

«—Si o senhor deitar mais cisco na rua mando multal-o.

«—Mas o senhor viu-me deitar cisco?

«—Não sei; está ao pé da sua porta.

«—Por mim, pode chamar quem quizer, que eu não pago.

«—Porque? V. tem mais..... (um termo obsceno) que os outros, por ventura?

«—Chame até ao diabo que o leve.

«—Hei de chamar sua mãe, aquella p..., branco de m.....; sabe para a rua. filho da p... que te metto o cabo da vassoura pela bocca até sahir pelo c.....

E por ahí desfiou o valentão a mais hedionda catilinaria de insultos e obscenidades

—Com homens de tal indole, d'uma hora para outra pode dar-se um caso grave.

Nem todos estarão dispostos a aturar aggressivas insolencias desta ordem.

—E' preciso notar que a casa do Sr. Marcolino tem extenso quintal e por tanto não ha necessidade de deitar cisco na rua.

—E' intoleravel tamanho desaforo.

—Eu creio que o homem do cisco escolhe á mão, homens turbulentos e de pessima conducta, ou então os authorisa a offender com palavras injurias a população.

—Assim parece, porque si fosse um ou outro que insultasse, va; mas no geral...

—Capitão, sabe o que se deu na sexta feira com o Sr. Lourenço Devoto?

—Não.

—Quer ouvir?

—Quo duvida.

—O Sr. Lourenço Devoto estava com um preto a expirar e mandou por um dos seus caixeiros chamar o vigario para ungil-o.

O vigario recebendo o chamado, respondeu que não podia ir, visto como tinha n'aquelle momento entrado da rua e estava com os callos lhe doendo muito.

O caixeiro voltou e disse isso mesmo ao amo.

—E o preto morreu?

—D'ahi ha poucos minutos deu alma ao Creador, sem que tivesse o vigario lhe ministrado os soccorros espirituaes.

—E é isso que elles chamam *caridade evangelica!*

—Utopias e labyrinthos, phantasmas e chimeras, nodos e sombras, erros e desati-

nos, charlatanismo o incoherencias, imposturas e bravatas, interesses o impunidades, são as divindades gentílicas do paganismo governamental desta boa terra do Brazil, são os ídolos incensados no thuriferario do egoismo; são os sonhos que adormecem os cerebros carcomidos pela lisonja de uns, puerilismo de outros e cegueira de quasi todos es que nos legislam e representam.

—As vozes da razão, da justiça e da liberdade echoam algumas vezes no recinto parlamentar; porem o som perde-se nas abobadas do mesmo e a luva, atirada pelo campeão da humanidade no chão da honra, só encontra espectadores frios, homens petrificados e indifferentismo universal; ninguém levanta-a, porque ninguém se quer malquistar; ninguém ataca-a porque vae de encontro a seus desejos, unico movel de uma sociedade corrompida e depravada quasi na primavera de sua existencia.

—O interesse é o movel de tudo.

—Dizem que ha voto livre entre nós.

Voto livre nunca existiu, sinão em theoria e actos officiaes. Executado praticamente em toda sua plenitude, arrastaria irremissivelmente á queda do ministerio que o sustentasse. E os ministros do Brazil são bastantes *patriotas* para deixarem o ambicionado poleiro á mercê dos seus adversarios. Portanto, o voto livre é a primeira das utopias politicas, não porque em sua essencia seja irrealisavel, mas porque causaria a ruina do realisador.

—Eis outra utopia: africano livre, escravo da nação.

—Isso é uma nōdoa que nos macula; o interesse que obriga a sociedade brasileira a roubar o alheio sangue e alheia liberdade.

Julgava em outro tempo o governo que concedendo a particulares os africanos *livres da nação* com a clausula de servirem unstantos annos, afim de ficarem doutrinados na sciencia do trabalho, melhorava a condição desses desafortunados.

Mas qual foi o resultado da philantropia governamental?

Foi deixal-os em eterno captiveiro, por quanto africanos livres continuaram e continuam a servir como escravos, depois de esgotado o prazo da servidão, que lhes foi imposta, e quando a morte faz suas victimas entre os escravos dos possuidores, fazem elles uma troca indigna de si e da sociedade; e o africano livre substitue ao escravo fallecido, com quebra da dignidade humana, por meio de um attentado contra a liberdade individual, por abuso de força, por infracção das leis, por falta de charidade christan, por sê-lo do interesse e finalmente por incuria do governo

que em todo caso carrega com a responsabilidade do tão eterno crime.

—A respeito da execravel barbaridade de um thug, que no Piauby ferrou dous homens, seus escravos, diz o *Amigo do Povo* daquella provincia:

«**Horribilissimo!**»

No dia 8 deste mez, na chefatura de policia, foram judicialmente examinados os *escravos ferrados* do *philantropico* Clemente de Souza Fortes, cujo nome votamos á execração publica.

O escravo Romualdo tem na fronte estampada a palavra —*escravo*— e alem disso as orelhas furadas com vasador, como si fossem lóros de selim!!!

O escravo Evaristo tem a marca de —*captivo*— em lettras um pouco mais finas que a de seu irmão e companheiro de infortunios.

Os estigmas foram feitos com pique de agulha e pó de caco de cuia queimado: são indeleveis.

Os infelizes *escravos ferrados* são de cor parda, seccos de corpo e de rosto, pequena estatura, quasi sem barbas etc.

Um d'elles, o de nome Romualdo, acaba de ser comprado ao anthropophago, pelo coronel João do Rego Monteiro, d'esta cidade.

Pobre Brasil! Cobre o teu rosto perante a propria Cafraria!...

Até mesmo as serpentes e os tigres de tuas florestas immensas —teriam pejo de se dizem patricias de um ferrador de creaturas humanas,— de um surrador de homens livres e de outros monstros de igual jaez....

A cascavel e a cangussú não gostariam que as comparassem com semelhantes centopeias bipedes, verdadeiros abortos da natureza.

.....
Laboulaye, Laboulaye!

Este paiz é tão fertil que produz Horacios Ribeiros e Clementes Fortes; porém, que culpa tem o solo?

Não amaldiçoeis por isso o nome brasileiro; sêde porem inexoravel —contra os esclavocratas.»

—Neste tempo em que a extincção do elemento servil tornou-se o verbo da aspiração social, pôr entraves a emancipação do escravo, que tem meios para libertar-se, é ser retrogado das leis da natureza.

—E' pretender loucamente conter a torrente irresistivel das tendencias da epocha.

—Um descendente do Ashaveris, nesta cidade, possui uma preta velha que mais se pode chamar um cangalho.

A filha desta, tendo meios, quer cumprir

um dever filial, libertando sua mão o mandou propor ao senhor que abrisse preço da alforria.

O homem porem, verdadeiro typo de uma raça estacionaria, nega-so obstinadamente, á pretexto do que a escrava é má, fujona e ladra e que por isso ha de morrer no captiveiro. Ou so sahirá de seu poder por sua morte.

—E' uma mesmo de judeu.

—Note que a preta é um objecto inutil; serve apenas para vender pomadas e banha cheirosa.

—Quem é esse amigo do barbarismo?

—O Leão judeu.

—Um agiota.

—Esse mesmo.

—As authorities estão ahi para proteger a causa da liberdade e do fraco.

Namoro.

Não me digam que sou bem voluvel
Por amar de uma vez á tres bellas;
Quem não conta no rol dos namoros
Sympathia por oito donzellas?

Si Eliza tem olhos rasgados
E os labios de fino carmim;
Mariquinhas é tão innocente!
E Rosinha olha tanto p'ra mim!

E Amelia, a priminha tão linda....
Não lhe devo querer algum bem?
E a menina que mora defronte,
Que mal faz que a namore tambem?

E a morena que passa na rua
Negros olhos p'ra mim requebrando....
Si não é por amor.... não é crime
Ir com ella um namoro travando.

E o anjinho da noite do baile
Com que tanto levamos valsando,
Não é justo que mesmo na valsa
Um beijinho lhe vamos roçando?

E demais.... cada um tem seu gosto....
Alguns gostam de rir e folgar;
O janota prefere a palestra
Ca por mim, vale mais namorar....

J. Pinto.

(Correio Pernambucano.)

Soneto.

Vem o homem á luz e chora logo
Entre as mãos da parteira; depois cresce,
E para o mestre vae, que as mãos lhe aquece,
E só tem o chorar por desafogo.

Depois chora o vintem, que perde ao jogo,
Mais tarde, por quem a alma lhe enlouquece;
E, si o peito da bella se arrefece,
Chora-lhe o coração, ardendo em fogo.

Chora quando padece dôr de dentes,
Quando encontra cotão só n'algibeira,
E quando perde amigos e parentes.

Chora vendo um doutor á cabeceira,
Chora por soffrer mil dôres diff'rentes
Ora sêbo p'ra tanta choradeira.

José Ignacio de Araujo.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convidado os Srs. socios a se reunirem em assembléa geral ordinaria, quarta-feira 4 do corrente, ás 6 horas da tarde, assim de ser-lhes presente o relatorio e o parecer da commissão de contas do trimestre findo. Bahia 2 de maio de 1870.—O 1.º secretario, Joaquim Cassiano Hippolyto.

A mesa actual da irmandade do glorioso S. Benedicto, erecto no convento dos religiosos franciscanos, participa ao publico e aos fieis devotos que tem de celebrar-se a festividade do mesmo Santo no dia 8 de maio, para o que convida a todos para brilhantismo da mesma solemnidade. Pregando ao evangelho o Rvm. padre mestre fr. Sepulveda.

N. B. A mesa tambem convida a todos os irmãos e devotos para assistirem a uma missa no dia 9, ás 8 horas em suffragios dos irmãos fallecidos.

Fugiu da abaixo assignada, a escrava creoulula de nome Delfina, altura regular, calcanhar raxado, dedos compridos e enrugados, com falta de um dente. Quem a achar e levar á casa atraz de S. Pedro, defronte da capellinha, n. 9, será gratificado generosamente.

Felicidade Freire de Carvalho

A venda na Palma, n. 2, pede aos Srs. inferiores do 4.º batalhão que com ella tem debitos, que os venham saldar, do contrario serão chamados de novo, publicando-se os seus nomes; e alem da grande demora que tem tido offerece mais oito dias para isso. Bahia 26 de abril de 1870.

DECLARAÇÃO.

O Sr. que veio á esta redacção, fará dous mezes, com uns documentos para publicar sobre o procedimento do vigario de Passé no enterro de sua mãe D. Fulana Perpetua dos Santos, é convidado a vir restituir certos papeis que om confiança levou, dizendo que era para mostrar e combinar com seu irmão. Consta que tal senhor é empregado na camara.

Ty. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª

QUINTA-FEIRA 5 DE MAIO.

N. 641.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs. PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de maio de 1870.

Officio ao Exm. Sr. governador do arcebisado, reclamando contra o inqualificavel procedimento das irmans de charidade da Casa da Providencia, as quaes empregam as educandas em carregar pedras para a obra de uma capellinha que ahi se está edificando.

Na noite de 2 do corrente desciam pela ladeira do Alvo, 12 meninas carregadas de pedras, alem de algumas mulheres a quem o fanatismo encasquetou que com aquillo conseguem a remissão dos peccados, porque assim lhes tem imbuido um padre lazarita.

Um curioso procurou saber a significação de tal novidade e informaram-lhe que era penitencia imposta por um pregador lazarita.

Nesta cidade, onde os meios de conducção hoje são facillimos, não passa isso de uma sordida especulação, aproveitando-se o serviço de frageis crianças em um trabalho grosseiro e improprio do sexo; pelo que recorre-se a S. Ex. para que cesse semelhante abuso.

—Estou contente per ver como o povo bahiano recebe a seus irmãos que voltam do campo da gloria.

—Ao menos compense-lhes o sacrificio, as fadigas, as privações que passaram, estas demonstsações que elles vem encontrar no seio da patria agradecida.

—A recepção do 46º de voluntarios por parte da população, foi digna dos sentimentos elevados deste povo.

—Presenciei alguma cousa.

No arsenal, o partido liberal foi em commissão cumprimentar ao intrepido general e seus valentes companheiros, dirigindo-lhe a palavra o coronel Alexandre Maia Bittencourt.

Uma scena que fez estremecer as fibras do coração e arrazar os olhos d'agoa insen-

sivelmente, mas que é impossivel de pintar-se, occorreu na occasião em que o general respondia a saudação que lhe fôra dirigida.

Foi quando sua filha ao avistal-o arrancou um grito d'alma:—meu pael!... e desmaiou depois de pronunciar—*viva o brigadeiro Francisco Lourençc.*

—A poesia do D. Augusto enthusias-mou-me.

—O batalhão formou em columna cerrada em frente a igreja da Conceição e d'ahi desfilou seguindo o itinerario annunciado, ao som de enthusasticos hymnos, aclamações patrioticas, vivas e flores e estrepitos de foguetes.

Na praça formou-se em linha.

—Um incidente deploravel deu-se nessa occasião.

O brigadeiro F. Lourenço montava um fozoso animal e embaraçado para governal-o pela agglomeração de povo, foi victima de uma tremenda queda, sendo offendido no peito pelas patas do animal e ficando contuso no rosto.

—A presidencia leu a seguinte proclamação.

«Bravos comprovincianos!

«Soldados do Brazil!

«Em nome da Bahia eu vos saudo! Regressais á Bahia depois de firmado seu triumpho, depois do exterminio de um dos mais execraveis tyramnos que tem flagellado as nações. Esta terra ciosa de seus brios está satisfeita da vossa conducta, vos recebe agradecida e até com desvanecimento de contar-vos entre seus filhos.

Salvastes a honra nacional e juntastes ao baptismo do Ipyranga onde o Brazil recebeu o nome de nação o chrisma dos combates heroicos nas longinquas terras do Paraguay. Nossa patria é independente e livre!

«Homens do campo que trocastes o arado pelo fuzil, repetindo os feitos heroicos dos velhos tempos de Roma, voltae orgulhosos á mais nobre das industrias, e transmitti á vossos filhos, parentes e visinhos o sentimen-

to de patriotismo que vos seguiu na terra estrangeira; dizei-lhes que no meio dos perigos e por entro cadaveres a patria sobresahia até a familiar!

«E vós Sant'amarenses, com vosso digno chefe recebei o abraço de um conterraneo que estremece ouvindo vossos feitos heroicos, que vos ama como pai, que se orgulha de haver nascido na terra que tem produzido homens notaveis pelas lettras, e espadas como as dos Cahabibas, Itaparicas e Sergys.

«Povo bahiano, qual o atheniense, sois conhecedor do verdadeiro merito, provai ainda desta vez que o apreciaes devidamente, repetindo com enthusiasmo:

» Viva a nação brasileira.

« Viva o Sr. D. Pedro II.

« Vivam os voluntarios da patria

« Viva a heroica Bahia.»

Precedeu-o o Dr. João Victor de Carvalho com eloquentes palavras em nome da assemblea provincial.

Recitaram os Srs. João de Britto, e Vicente Ferreira de Souza a poezia abaixo, recelhen do-se o batalhão para o seu aquartellamento no forte de S. Pedro.

—Vivam os voluntarios da patria!

Soldados que nas batalhas,
Sempre invictos lutastes,
E que aos fogos das metralhas
Nunca, nunca descorastes!...
Vinde, cingidos dos louros
Que ao perpassar dos pelouros
Colhestes ante o obuz!...
Cantando hymnos de victoria,
Tivestes palmas de gloria,
Tivestes da gloria a luz!....

Vós que tivestes por norte
Não vacillar nean tremer!....
Na luta encarando a morte
Cantar victoria ou morrer!....
Não cair ingloriamente,
Morrer, morrer nobremente,
Dando a um tyranno pavor!....
E provar que o voluntario
Da liberdade é saerario
Erguido aos pés do Senhor!...

Vós destes a humanidade
A mais sublime lição!....
—Lutar com heroicidade,
—Dar aos vencidos perdão!...
Em quanto aos toques de alarmas,
Nas dextas ergueis as armas,
Aos imigos morte dando,
Depois ao brado—victoria—
Ieis cercados de gloria
Aos vencidos abraçando!...

Sois vós que aos fogos d'embates
Os vossos rostos crestastes
Que no calor dos combates
Junto a Ozorio lidastes!...
Ozorio, o senhor da gloria,
Cujo nome em nossa historia
Com o seu sangue gravou!....
Ozorio, o genio da guerra,
Que vingando sua terra
Como *alguem* não desertou!....

Ozorio, o filho querido
Do gigante americano!....
Guerreiro que ainda ferido
Vai abater a Solano!
Escarnece da metralha,
Faz do seu peito muralha.
Mirando o porvir, não seu,
Mas da patria que elle adora,
Qu' era de irmãos que elle chora
Porque habitam no ceu!....

Os restos d'este estandarte
Tem muito d'herocidade!...
Dizem que em todo parte
Viverá a liberdade!....
Das grandiosas ideas
Com as pesadas cadeias,
Querem tyrannos prender,
O filho do povo é bravo,
Que brada altaneiro—escravo
Jamais, jamais devo ser!...

Vinde, vinde bravos filhos
Desta nação altaneira,
O vil poder de caudilhos
Curvou-se á nossa bandeira!...
Aguirre fugiu cobarde;
Lopez, Lopez muito tarde
Maldiz pensamento seu!
Soou a hora e exangue,
Cahiu immergido em sangue
E como fera morreu!...

Os vossos rostos traduzem
Muito, muito de heroismo!...
Co'a luz da gloria transluzem,
Morte, morte ao despotismo!...
São do Brazil os paladios,
Esses fuziz, esses gladios,
Que sustentastes nas mãos!
Sereis lembrados da historia;
E do povo na memoria,
Pois sois do povo os irmãos!

Viva S. M. o imperador.
Viva S. A. o conde d'Eu.
Viva o Marquez do Herval.
Viva o visconde de Itaparica.
Viva o visconde de Polotas.
Viva o general Paria Rocha.
Viva o barão de Sergy.
Vivam os voluntarios da patria!

—Capitão, veja que barafunda.

Um cabo de policia, João Bispo, rapta a irman de um logista na rua do Bangala.

Isto deu-se na segunda feira 25 do p. p.

—Boa policia! Desta é que serve!

—Ao lusco e fusco, o agente da segurança publica apresenta-se com uma cadeira na esquina da rua. Os pretos e a moça ja estão apalavrados e à um signal, *lepos!*.... Ella embarafusta, socca-se na cadeira e é conduzida para um tugurio no becco do Soares.

O militar, tendo bem guardado o seu thesouro, volta para espreitar o que vae pela casa do logista, onde reina o alarma. O diabo que é judeu, faz com que seja reconhecido o raptor; chama-se a authoridade e la vão em busca do objecto roubado.

—Temos barulho no becco.

—Estão nos interrogatorios.

Diz a moça:

«Eu si fiz isto, é por que não posso mais soffrer a crueldade de minha cunhada. Vejam minhas faces, meus beiços, meu corpo. Demais tenho 22 annos, e não estou mais em bom estado.

—Estava no seu direito.

Diz o policial:

«Eu si dei este passo, foi para casar.

A moça escreveu-me um *biète* que queria sahir e eu fui buscal-a.»

—Nada mais natural; entre gostos não ha disputas.

—Diz o irmão:

«Isso nunca!... Não consinto!»

—Essa é que extraordinaria!

—Diz por sua vez a authoridade:

«Mas V. não reconhece a sua condicção!

Não vê que uma moça *branca* não é para casar com V.?»

—Olál... Essa então é de cachupelêta. Magnifica maneira de executar a lei!

—Por fim de contas; o cabo é immediatamente preso, rebaixado do posto e depois desterrado, destacado lá para os confins de Judas, não pelo rapto; mas pela temeraria ousadia de querer casar com uma moça *branca*; esta é a força levada, segundo ella mesma declarou, prostituida, para casa do irmão, a supportar o jugo tyrannico da cunhada.

—Que miscellanea de abusos e arbitrariedades!

A policia praticando raptos; a authoridade fazendo sclecção de cores e contrariando o desejo de dous individuos no livre exercicio de seus direitos; uma moça emancipada, violentada em sua vontade e sendo forçada a voltar para uma casa que é seu martyrio.

—E isso se dá em um paiz livre, onde todos tem o direito de obrar e pensar ampla-

mente, sendo unicamente responsavel por seus actos.

—E ainda nessa epocha ha quem prefira ver uma mulher perdida, do que unida a um homem pardo!

Aos voluntarios da patria.

Voluntarios, erguei a fronte altiva!...

Prostrada á vossos pés geme captiva

A soberba Assumpção!

Nas torres do palacio de Solano,

Da brisa ao sopro, se desdobra ufano

O vosso pavilhão!

Qual dos ventos batida incauta rosa,

A patria, injuriada, lacrimosa

Para vós appellou....

Esquecestes o lar, familia, amores,

Pela blusa, espingarda, e algumas flores,

Si alguém vos corôou....

Quatro annos de luta e soffrimento!...

Ja vos tinha votado ao esquecimento

Vosso ingrato paiz!...

Mais valentes que vós, de mais pujança.

O mundo nunca viu, nem mesmo a França

Os teve em Austerlitz.

Na luta os mensageiros da victoria,

Sem que fosse por vós pendão de gloria

Della nunca se ergueu...

Foi ao sol de dezembro aureo diadema.

Que a fronte vos corôou, vergonha extrema

A quem vos esqueceu!...

Vossos louros nos prelios alcançados,

Foram, são, e serão sempre usurpados,

Por covardes vilões!...

Mas a historia rirá do immenso vulto,

Que empunha o sceptro de um poder stulto,

De roubados brazões!...

Vós nada mereceis mais que os salarios,

Porque vos contratastes, mercenarios

Vendidos á nação!....

Honras—para esses fabricados bravos...

Titulos—para aquelles vendelhões de escravos:

Para vós.... maldicção!

Mas quando perto rugiam

De Itororó os canhões,

Os meus valentes fugiam,

Salvando assim seus brazões.

O voluntario estandarte,

Que tem por dobras a gloria,

Abre-se ao fumo de Marto,

Marca mais uma victoria.

E na batalha de onze,

Que tantos bravos *pariu*

Ao rouco bramir do bronzo

Quem suas armas mediu?...

Que o diga Pedra o valente,
Que o diga o vulto imponente
Do general que não mente,
E que egoista não é; (1)
Que tem um nome na historia,
Já não precisa de gloria,
Nem é zangão de victoria,
Sem consciencia e sem fé....

De vinte e um ao lembrar-me,
Tinge-me a face o rubor:
Patria—devêra calar-me,
P'ra não ferir teu pudor:

Porem não posso, o segredo
Agora indicar sem medo,
E eu me julgo um penedo,
Se me transformo em juiz....
Jamais tamanho desdouro,
Comprou Caxias por ouro,
Quando cobriu-se de louro
Segundo a historia nos diz....

A paraguay a cohorte,
Em seus reductos guardada,
Espera o golpe de morte.
A mão tremente na espada.

Em tres columnas dispostas.
A brava força atacante.
Julgando Lopez de costas.
Caxias finge de amante....
Depois de grande demora,
Passada em crú bombardeio.
O general diz: agora.
Ide, avança sem receio....

Trava-se a luta medonha...
Que é dos valentes de onze?
Mostrae-me onde elles estão...
Mordendo o pó da vergonha!...
Quem sabe affrontar o bronze,
Não tem direito ao galão.

Cem boccas morte vomitam!!...
Ao desdobrar de um pendão.
Ouve-se um viva ao Brasil!...
Os voluntarios se incitam.
Se lançam sobre o canhão.
Tombam valentes aos mil!!...

Olhae a esquerda de perto:
Miranda Reis foi ferido...
Surgindo d'entre a metralha,
Que vulto é aquelle, atrevido
Que avança como um leão?
Não traz bordados na gola,
E' chefe, mas de galão...
Será Francisco Lourenço,
O voluntario?... por certo.
Que outro não pode ir la não

No centro—que immensa perda.
E' essa que os bravos choram?
Que sorte tanto deploram.
Sem reparar no canhão?
Um corpo rola por terra...
Medi-lhe bem a feição:
Rival do heroe lá da esquerda,
N'aquella frente sombria.
Jamais se viu covardia...
E'... Leopoldo Maranhão!...

Caxias desnortado.
Dá ordem p'ra retirar;
Porem, Jacintho Machado.
Opina por sustentar.

E foi assim sustentada
A valente posição,
Em que quasi vi manchada.
Nossa honra e pavilhão!...

Em vinte sete, dia só de gloria,
Todos foram valentes, creio eu:
Mas para se alcançar esta victoria:
Dizei-me: qual o sangue que correu?
Foi so do voluntario, que sereno
A morte cinco dias affrontou;
Mas, nada vale o sangue do pequeno!
Caxias dessa gloria se c'roou.

Formula grande lista de valentes;
Fabricados por elle e o seu João;
Os voluntarios surgem descontentes...
Diz elle: continúa a promoção.
Por entre os seus espalha infamemente
Que aos voluntarios premiará por fim;
E pede relações, sem pejo mente:
Meu Deus, eu nunca vi cynismo assim!!!

Declara concluida a extensa guerra.
Em que só figurou de papelão!...
N'uma quinta isolada ja se encerra.
Dizendo padecer do coração.

Espera a noite tenebrosa e escura.
E foge d'entre nós como um vilão.
A noute sempre foi guarda segura.
A quem maneja as armas da traição!!...
Assumpção, 20 de fevereiro de 1869.

Z. R.

A PEDIDO

Enigma.

Nem moro na Conceição nem na fonte de
Santo Antonio; ao curral vou todo dia: chamo-
me *Gildefonso*, tambem me chamo *Dourada*:
o meu primeiro perdi, o segundo vamos ver:
tenho posto sou valente, mas não parto com o
dente.

A decifração do enigma será dada depois.
Adous Sr. Cerji.

(1) OSORIO.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª

SABBADO 7 DE MAIO.

N. 642.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
6 de maio de 1870.

Não houve expediente.

—Como receberá a Bahia a distincta heroína, modelo de virtudes, a Exma. Sra. D. Anna Justina Ferreira Nery?

—Quando a Bahia não tivesse outros titulos para seu padrão de gloria, nessa longa cruzada, nessa luta gigante de 5 annos, bastava-lhe o nome de D. Anna Ferreira Nery para ennobrecel-a.

—Verdadeira irman de charidade, typo de abnegação, alma evangelica, inspirada pelo sopro do Senhor á pratica do bem, desempenhou com estoica resignação a mais bella e mais santa das virtudes—a charidade.

—Aprendam essas estrangeiras, que gozam entre nós de todos os commodos e regalos da vida, o que é verdadeiro amor do proximo, humildade, charidade e abandono das vaidades mundanas.

—Nos hospitaes, era com um sentimento de ternura e gratidão chamada pelos soldados—a mãe dos brasileiros.

—As bahianas devem ufanar-se de chamma-a patricia.

—No dia 12 de agosto de 1865 partiu D. Anna Nery desta capital para o theatro da guerra.

—E agora que ella terminando sua missão sublime, exercida por longa data, sem ruido e sem ostentação, regressa á terra natal, é de crer que as illustres bahianas se mostrem dignas de si, preparando uma recepção áquella que por seus nobres feitos, tão alto elevou o nome da mulher.

—Capitão, venia.

—Diga-se.

—V. Ex. sabe, que o governo dando ao homem do cisco o material e utencis da anti-

ga empresa, accitou como garante desses valores os proprios objectos.

—Foi uma pequena galanteria, um adjutorio, com que a presidencia e a policia quizeram auxiliar o homem, cuja habilitação o *Jornal da Bahia* com antecedencia tinha preconisado, e cuja reconhecida actividade o governo affirmou.

—Consta porém, que o homem do cisco dá destino muito differente as carroças e burros que o governo lhe fiou.

Anda carregando trens de particulares para ganhar.

—A uns morrem-lhe as vaccas, a outros parem-lhe os bois.

Este achou governo de *amigo* que se condoesse delle e lhe montasse uma empresa de carros para negociar particularmente.

—Assim eu tambem queria.

Mas, si esses materiaes se estragarem e se desencaminharem, si os burros morrerem o tal negocio de conducção de generos de particulares, de que lançará mão a provincia para haver o dinheiro que gastou?

—Do ginga da cadeia.

Mas creia seriamente, ha gente tão feliz que até os cachorros lhe põe ovos no ceu da bocca.

O homem parece ter tão boa estrella que nada lhe acontecerá.

—Os forçados fazem o despejo de palacio pela ribanceira do Pau da Bandeira á baixo.

—E' da guarda principal.

—Um dia destes lambuzaram a gradaria; um sujeito que encostou-se descuidado, emporcalhou-se todo.

—As cousas de nossa terra são assim. Os mesmos que são encarregados de executar a lei são os primeiros a concorrer para o nenhum caso della.

—Na quinta-feira houve illuminação na praça?

—Não.

—Porque? Pois não chegaram os voluntarios?

—O presidente deu ordem que só se deitasse illuminação em palacio si a camara se illuminasse.

A camara deu ordem ao porteiro que só deitasse illuminação si palacio a deitasse, ficando assim um a espera de outro e por fim não houve illuminação.

—De maneira que a camara serve de thermometro a palacio e palacio de thermometro a camara.

Está direito!...

—Eis o que se chama um homem necessario!

O Sr. Manuel Bento de Lima, no Matto-Grosso, é tudo: official da guarda nacional, presidente da camara, juiz municipal, juiz de paz e agente do correio.

Ahi va o specimen de um edital publicado pelo especifico homem e subscripto pelo seu escrivão.

«Manuel Bento de Lima, Membro e Delegado da Companhia inter Nacional Forence e Luzo Brasileiro do Rio de Janeiro, Cirurgião Alferes da Sessão de Batalhão n. 1, Presidente da Camara, Juiz Municipal substituto e Juiz de Paz deste districto &.

FAZ SABER ATODOS OS SEUS HABITANTES, que conforme o artigo 295 e 296, he prohibido a qualquer pessoa onão tomar hua occupação honesta de que possa subsistir; he prohibido omendigar, podendo trabalhar; havendo estabellesimentos de Caridade, ou havendo pessoas que os queira receber para os tratar, mediante o possivel Serviço; Ofilho deseus Pay e assim os parentes nográo mais perto de proximidade, o que he Conforme o espiricto da Lei divina e explica o Ecclesiastico, tit. 3.º Verso 15; por consequencia ninguem poderá dehora emdiante mendigar, sem licença do Juiz de Paz, para entrar no Conhecimento de estar ou não no caso.

Epara que chegue a noticia de todos mandei publicar eafixar o presente Edital. Mato Grosso 24 de Janeiro de 1870. Eu Julião Francisco da Cunha, Tabellião e escrivão do Juizo de Paz, que o escrevy o

Manoel Bento de Lima.»

—Com effeito! O homem é um almanak de cargos e disparates.

—O *Herald* de New-York, á respeito das victimas que voltam do Paraguay e que transitam abandonadas pelo Rio de Janeiro, diz o seguinte:

«É' vergonhoso o estado de desprezo em que se acham os invalidos, soldados e offi-

ciaes inferiores, que estão de volta do exercito. Muitos se acham reduzidos a esmolarem pelas ruas, sem obterem nada do governo, o qual tem muito que fazer para attender a essa pobre gente. Realmente, primeiro que os seus papeis subam ao ministro, elles gastam tanto tempo, são precisas tantas estampilhas de sello, tantas formalidades, e elles tem tanto de andar de uma para outra repartição, que só aquelles felizes que tem influencia, que é o tudo em negocios com as authoridades brasileiras, é que se animam a apresentar suas reclamações.»

—É o governo brasileiro não se mira neste espelho!

—Capitão, trago-lhe aqui a *Reforma*, n.º 95, para mostrar a V. Ex. um pedaço de um artigo intitulado os *escravocratas* redigido pelo Sr. J. Julio de Barros.

—Lêa.

«Um facto, porem, muito positivo, e que se tem reproduzido em varias provincias, é a obstinação de alguns presidentes em não executarem as leis que authorisam a manumissão annual de escravas adultas ou crianças.

«Alem dos casos que n'outras occasiões temos referido, apresentaram-nos agora um, que obrigou-nos a escrever estas linhas.

«O art. 5.º da lei provincial de Santa Catharina n 627 de 11 de junho de 1868 consignou uma verba para emancipação de escravas; mas o ex-presidente Dr. Araujo Lima recusou dictatorialmente dar-lhe execução.

«Os motivos que allegou para nullificar essa disposição legislativa, revelam um espirito imbuido nas falsas doutrinas dos escravocratas. Na carta de nosso correspondente, hoje publicada, está a integra do trecho, d'onde extrahimos esses motivos:

«1.º Em assumpto de tão elevada importancia era necessario proceder com *madura reflexão*.

«2.º *Sem prejuizo da liberdade* pode ser adia da a execução da mesma lei para tempos, em que um estado mais prospero das rendas da provincia autorise-a em escala mais larga.

«3.º Esse dispendio seria mais aproveitavel em *melhoramentos materiaes*.

«4.º As escravas libertadas iriam engrossar as *fileiras da prostituição*.

«5.º A *doçura* com que são tratados os escravos *equivale á liberdade*.

«Por ahi pode-se avaliar que idéa fazem da liberdade os regeneradores d'esto pobre paiz. No juizo do Sr. Dr. Araujo Lima, delegado

de confiança do governo imperial, é doce e livre a condição do homem, reduzido á cousa, sem propriedade, sem familia, sujeito ao azorrague, ao grilhão o a todos os caprichos de um senhor absoluto, que arbitrariamente o pune; o vende; o desterra e separa do pai, mãe, filhos, esposa, exactamente como faria á qualquer manada de brutos!

«A liberdade equivalente a estas *doçuras* é a escravidão mais aviltante que o mundo conhece.»

A PEDIDO

—Deu-se nesta cidade um facto de maior alcance, que até certo ponto justifica a previsão de muita gente, e os clamores que então se levantaram.

Referimo-nos á fugida de um agente consular, que desfalcou os espolios de seus compatriotas em quantia maior de 80:000\$000.

A imprensa diaria, occupando-se de outros factos, tem sido, parece que de proposito, muda a este respeito.

Admira, em verdade, esse silencio, quando não ha ali ninguem que delle não tenha conhecimento.

Nas praças, nos hotéis, nas ruas, em todos os logares emfim, a discussão deste estelionato tem sido o mote das palestras com todas as suas peripecias e horrores.

Milagrosa escapula!....

Havemos de desfiar toda essa meada para que o publico seja conhecedor de todos os promenores.

Até la não é tarde.

O Lusitano.

—Capitão, sabe o que me traz aqui?

—V. dirá.

—Requerer-lhe um privilegio.

—Sou contrario a tal systema. O aperfeiçoamento de qualquer invento depende da sua livre applicação.

Mas enfim, diga o que pretende.

—Ao menos uma recompensa para o descobridor de um meio economico de alimentar a pobreza.

Esta gloria immorredoura cabe ao actual administrador da *casa dos innocentes sem trabalho.*

—Porem que economica descoberta é essa que fez elle?

—Reduzir a fructa pão queimada a café.

—Ora sebo, para tal economia que me parece *d'albicira.*

—Dizem que a professora do Pilar, ha um mez que não dá aula.

—A escola tem sido frequentada.

—Mas as meninas vão e voltam sem estudar, por que a digna perceptora anda preocupada com os seus desposorios.

Pergunta-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia si o governo, por sua decisão, fazendo naufragar o art. 18 do regulamento da casa de prisão com trabalho, ficaram tambem sem vigor os artigos 20, 22, 24, 48 e especialmente o 71 do dito regulamento?

Estarão tambem revogados os arts. 72, 73, 74, 82, 85 e 101, tendo somente applicação o artigo 29?

Os oculos de minha avó.

Espião tão diligente,
Perspicaz, insinuante,
Que em talas penha um amante,
Inda assim não vi um so;
O torto nariz cavalgam,
Pelo rapé perfumados,
Por fios de ouro cercados
Os oculos de minha avó.

Si converso co'a priminha,
Junto á janella em segredo,
A turba, attenta ao folguedo,
Nunca de nós se avisinha;
Mas um ruido sinistro
Ouvimos soprar nos ares,
Annuncio de agros pesares,
E erguido logo um sipó;
Ella se afasta, e, gelado,
Sem dalli sahir, eu vejo
No causador do gracejo
Os oculos de minha avó.

Si as vezes, quando em folgança,
Os velhos brincam co'as velhas,
E as memorandas scentelhas
Avisam falsa esperanza,
Eu, que por ser bem menino,
No barulho nunca entro,
Vou para a sala de dentro
Co'a prima me crendo so;
Mas, qual não é a surpresa
Quando eu vejo impertigados
Sobre nós dous descancados
Os oculos de minha avó?

Si reunidos na dança,
Voltejam pares na sala,
O prazer nunca me abala
Pois nunca amei a folgança;
E apreciando entre sorhos
Pela mão da prima dado,
Junto a ella recostado
O macio pão de Lot;
Mordo a lingua antes do naco,
Sinto febre, sêde, frio

Ao ver surgir de um desvio
Os oculos de minha avó.

Para enganar-a constranjo
Serio semblante de paz,
E do canto a sós arranjo
O namoro por signaes;
Todos passam, ninguem olha;
Ou si me veem tão tristonho
Murmuram: «Oh! coitadinho,
Que cara! parece um Job!
Mas la do canto escondidos
Não perdem gesto ou lamento
Sobre o nariz macilento
Os oculos de minha avó.

Que oculos, Deus! tão sagazes....
Autor maldito que os fez!
Flagello dos bons rapazes,
Das primas negro revez;
Elles cavalgam n'um grosso,
Retorcido e carunchoso
Nariz, e por marco honroso
No meio tem sempre um nó,
E todos que o reconhecem
Nas salas soltam o adejo
Dizendo: diabo! eu vejo
Os oculos de minha avó.

Não cedem nunca ás lamurias,
Nem as queixas doloridas,
Flagello das nossas vidas,
Nunca dos netos tem dó;
Sempre de ouro cercados;
Sentindo o rapé odoroso,
Apertam qualquer namoro
Os oculos de minha avó.

J. H. Gomes dos Santos.
(Mosquito.)

Capellão, não fique afficto
Com o caso da menina;
Depois de uma confissão
Desfolha-se uma bonina.

Bello vestido de chita
Recebeu a pecurrucha!
Mosca se apanha com mel;
Prosiga, que a fructa chucha.

Preconisado ministro
Da santa religião,
Que apanha tenras rolinhas
Indo dar a extrema-uncção!

Osorio

Aos bravos batalhões ns. 35, 42, e 46, desem-
barcados no dia 18 de abril de 1870.

Dos bravos o mais bravo, teu nome legendario,
No ronco do canhão, no estouro da metralha,
Repercute-se immenso a todos sobranceiro!
Na phalange d'heroes, es sempre o heroe primeiro!
Quem pode, como tu, dizer á tempestade:
«Mais corre o meu corsel nas nuvens da batalha?»

Quem bradar ao trovão aos raios, ao pumpeiro:
«Mais podo do que vós a lança de um guerreiro!»

Quem pode, como tu, Osorio destemido!
A's bûlas e estilhaços, as lanças e ás espadas,
Bradar: «Meu peito é rocha, e vergareis primeiro
Para chegar aos pés de um bravo brasileiro!»

Heroe dos impossiveis! indomito teu peito
Impõe respeito á morte; em vão de paraguayos
Involveu-te, sosinho! um batalhão inteiro!
Do corsel da victoria es sempre o cavallei ro!

Que pura e santa chamma o peito te incendeia!
Aos bravos retempera, aos fortes robustece,
Em vão sobre ti cahem as balas em chuveiro,
Mal sacodes do ponche as gottas do aguaceiro!

A's patas do cavallo esmaga batalhões,
Teu braço vibra a morte, os olhos raios vibram,
Agacham-se as montanhas e gela-se o esteiro
De susto quando passas, indomito lanceiro!

Nem valles nem banhados; os muros e abatizes,
Cerrados esquadrones e bronzeas baterias,
Nada pode deter teu impeto guerreiro!
Que o digam dos soldados o chefe, e o derradeiro!

A gloria é teu condão! embalde o vulto ingente
Do canhão inimigo é alvo predilecto;
Tu zombas da metralha, e ris-te do artilheiro,
Que em vão busca offuscar a estrella do cruzeiro!
Teu nome symbolisa a guerra e a victoria!
Legendario ja é, sem inda ser da historia!
Em lettras de ouro e luz percorre o mundo inteiro
De brilho e gloria enchendo o nome brasileiro!!

Luiz Barbosa da Silva.
(Da Reforma.)

Movimento do porto.

França—pat. Luiz, de 32 ts., eq. 7, m. Jo-
sé, carga cynismo e patotas, á Nha-qui e C.

ANNUNCIOS.

Quem tiver um exemplar completo da obra
em 6 volumes intitulada—Sobre artes, scienc-
cias e officios publicada em Lisboa por João
Baptista Lucio no anno de 1845—e quizer
vendel-o dirija-se a Photographia Nacional
de Reis e C., a rua de S. Bento n. 6, que
achará ali com quem tratar.

Atenção.

Hoje deve correr segunda praça um ter-
reno com seis braças de frente e vinte cinco
de fundo, sito a rua Nova do Queimado, fre-
guesia de Santo Antonio, pertencente aos
herdeiros do fallecido José Ricardo de Santa
Anna, no qual terreno ja se acham levantadas
tres frentes com algumas divisões para tres
propriedades, avaliado por 1:200\$ rs.

Roga-se ao Sr. Grato da Silveira Bastos
Varella queira comparecer na loja n. 9, ao
Taboão, a tratar de negocio urgentissimo,
que o mesmo Sr. não ignora. Bahia 2 de mar-
ço de 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª

QUARA-FEIRA 11 DE MAIO.

Ns. 643—644

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
10 de maio de 1870.

Não houve expediente.

—Segunda-feira houve cervejada no convento de S. Francisco.

—No convento de S. Francisco?!... V. está maluco.

—La mesmo, sim. E' cousa que não possa ser? Foram os irmãos de S. Benedicto que, depois de uma missa, tomaram seu vinho e cerveja; fizeram seus brindes e petiscaram alguma cousa. As creoulas de uma banda, elles da outra.

—No corpo da egreja?

—Do lado do altar do santo. Acha nisso alguma cousa de mais?

—Entendo que certos actos são improprios da casa de Deus; actos que ainda praticados sem más intenções, mas cujo character basta para depreciar a religião catholica. E' preciso acabar com o uso de reduzirem a egreja a logar de orgia depois do officio divino.

—A charitativa superiora da ladeira do Alvo fez annos e distribuiu coquinhos de nicori ás meninas.

—Frugalidade, modestia, simplicidade.

—Vá atraz disso!

As meninas tiveram nicori; mas as santas mulheres que seguem a temperança, que são parcas e sobrias, regalaram-se e os seus lazarrittas com visinhos superfinos, gostosas petisqueiras, que não exaltam os sentidos, nem excitam as sensações dos gozos materiaes.

—«Lê-se no *Jornal do Commercio* de 6 do corrente:

«D. ANNA NERY.—Consta-nos que alguns comprovincianos desta respeitavel senhora apresentaram a idèa, que tem sido geralmente braçada, de tirar-se-lhe o retrato de corpo teiro para collocar-se na casa da camara da

cidade da Bahia, á qual vão mandar pedir a necessaria authorisação.

«Não podemos deixar de applaudir a feliz lembrança de perpetuar-se por esse modo o reconhecimento devido aos serviços humanitarios que no Paraguay, sem distinguir condições, prestou aquella illustre bahiana a todos os nossos officiaes e soldados, durante os cinco annos da guerra, o que fez que a denominassem a —mãe dos brasileiros.

«Está incumbido do trabalho o distincto artista nacional o Sr. Victor Meirelles.»

—Apresentou-se hontem na policia um desgraçado preto em estado de commover a corações de pedra.

Além das sevicias que lhe cobriam o corpo, trazia um enorme golpe, parecendo ser feito á facção.

—Ja sei que o chefe de policia mestrou para quanto presta.

—Mandou que o escravo fosse curado no hospital e entregue a seu senhor.

—Não entendo semelhante modo de administrar justiça! Com uns tanta aspereza; com outras demasiada indulgencia!

—O senhor, dizem, é o major João Pereira de Carvalho.

—Sei; o mesmo que sendo subdelegado de Brotas, se disse pela imprensa que arrastara uma escrava amarrada á cauda do cavallo desde as Pitangueiras até sua roça. Cuja escrava teve destino.

—Desgraçada condição do escravo!

Nem nas authoridades encontram amparo contra as atrocidades de seus algozes.

—Isto não é charidade, nem é commiseracão do infortunio! E' o mais refinado embuste.

Pôr um misero doente de barril á cabeça carregando agoa, nunca foi obra de humanidade.

—No hospital de charidade é.

—No domingo, pozeram as irmans de charidade um infeliz a carregar agoa do Terreiro para a rua da Misericordia.

—E' para os atacados da febre amarella que estão por cima do forum.

—A Santa Casa, possuindo tão rendoso patrimonio, está na condição de valer-se de tão miseravel mesquinbaria?

—O merito da obra perde o feitio, logo que é feito com vistas de interesse.

—Na segunda-feira esteve o mesmo infeliz a transportar pezados carregos, como camas de ferro com os competentes colxões e mais pertences e por sobre-carga uma cadeira, uma banca em cima de cada carrego.

—No aproveitar é que vae o ganho; aquellas charidosas são finorias.

—Mas isso é um abuso inqualificavel, uma especulação ridicula. Doente da santa casa nunca foi servente.

Si a esmolla que lhe fazem é pelo amor de Deus, como lhe arrancam serviços em paga do curativo que recebe?

—O exercicio corporal é util a convalescência do enfermo, não vou fora disso; mas não é um trabalho fatigante, ao ardor do sol, e de alguma sorte humilhante, ordenado com sordido calculo.

—A proposito do hospital por cima do forum, dizem que entraram cinco doentes de febre amarella para elle?

—Ignoro.

—Creio que sim; e destes cinco ja falleceram dois.

—E' outra tambem.

Pense quem quizer que não é perigoso estabelecer um hospital por cima de um logar de tanto adjunto, eu ca nutro serios receios pelos resultados.

—Que desdouro para o Brasil!

O governo desta nação reduzindo a escravidão um brasileiro defensor da honra nacional!

—Não diga semelhante cousa, que ninguém lhe acredita.

—A factos não se desmente.

—Acho impossivel!

Quando o conde d'Eu admira-se de encontrar escravos no Paraguay e pede ao governo provisorio a liberdade delles, como um «motivo de se associarem á alegria que sentia a nação» é possivel que no Brasil se pratique uma tal iniquidade?

—Pois no Brasil, um homem que derramou seu sangue pela patria, recebendo tres ferimentos, chegando ao Rio de Janeiro, é preso e vae ser vendido em hasta publica, não por que apparecesse senhorio reclamando-o, mas como bem de evento, isto é, como escravo da nação

—V. me põe pasmol

—Quer me dar attenção?

—Falle.

—O infeliz chama-se João Fernandes Barcellos, é filho de Santa Maria da Bocca do Monte, no Rio Grande do Sul, achava-se em Porto-Alegre ao serviço de um Dr. Barcellos, quando rebentou a guerra do Paraguay.

Immediatamente apresentou-se a sentar praça no 12 batalhão provisorio de cavallaria, e nelle marchou para a guerra: chegando a S. Solano foi transferido para o 4.º batalhão de caçadores a cavallo.

Fez toda a campanha, até que no ataque do Estabelecimento, depois de duas vezes ferido de balla de fuzil em uma perna, foi afinal lançado por terra, gravemente ferido no ventre por um tiro de metralha. —Cahi ainda mordendo um cartuxo!

Em vista de tão gallardo procedimento recebem *incontinenti* as divisas de cabo de esquadra.

Recolhido ao hospital, nunca poudo obter completo restabelecimento. Tão graves foram os ferimentos recebidos.

Obtida sua baixa, por invalido, teve ordem de embarcar para o Brasil, ordem que foi sustada por ter perdido seu titulo de baixa e não poder apresental-o na occasião do embarque.

Mais tarde, depois do reconhecimento de Angostura, embarcou no transporte *Bonifacio* e veio para a corte, onde, ao chegar e por não trazer guia (o que aconteceu a maxima parte dos miseros que vieram da guerra) foi detido por tres dias na forteleza de Villegaignon.

Dahi seguiu para a policia, que o mandou recolher ao azilo de mendigos, onde esteve 5 dias.

Durante esse tempo esteve no tronco, soffreu o castigo de *acoites*, com cordas e outros, praticados nessa *humanitaria* instituição.

No fim desses 5 dias, um creoulo que é ahi empregado, lembrou-se de dizer que no anno anterior conhecera Barcellos carregando agua no chafariz da Carioca.

Por isto é novamente remettido para a policia, de onde, depois de 6 dias, foi remettido para a casa de detenção, onde jazou por espaço de longos 7 mezes.

Em junho do anno passado foi transferido para a correcção, como *bem do evento*!!

Ahi foi Barcellos reconhecido por dois empregados, que com elle haviam militado nos campos do batalha.

O digno vedor desse estabelecimento, tendo conhecimento do facto, communicou-o á policia; pelo que foi chamado Barcellos a es-

sa repartição, do onde voltou na mesma condição.

Segunda representação do vedor cansou-se que fossem chamados á policia os dois empregados, cujo depoimento foi tomado; depois do que foi Barcellos remeitado para o quartel general, onde, depois de algumas perguntas, obteve do ajudante general em resposta—«que esperasse da policia, a quem estava affecto, a solução do seu negocio.»

Voltou, porem, para a correccão ainda na mesma condição de *bem do evento!*

O processo a que está sujeito, como *bem do evento* já principiou e brevemente se tem de chamar concurrentes que lisitem sobre a avaliação desse cidadão brasileiro, que, depois de se ter inutilisado no serviço da patria, é chrisimado «Antonie, creoulo» para ser vendido como escravo e dar assim uns 300 ou 400/5000 rs. ao thesouro nacional!

E' um invalido, que vem do campo de batalha; ninguem contesta sua condição, ninguem o reclama, como escravo; logo, conclue a logica deste governo do Sr. D. Pedro II, é escravo do evento!!

A reproducção desse facto, que faz honra a este reinado, trará certamente uma grande verba de receita para o estado.

—Quando toda a nação quer a extineção da escravidão; quando os proprios senhores libertam gratuitamente seus escravos, o governo, a policia da cõrte do Sr. D. Pedro II, o chefe abolicionista, captiva e vende em hasta publica os livres, os voluntarios da patria!

—Quando tremiam do Lopez, libertavam escravos e transigiam com os galés de Fernando de Noronha: agora indemnizam-se das humilhações, vendendo os que lá foram derrotar o espantalho!

—E o joven Cesar, o general menino Jesus, que tanto se admirou de encontrar no Paraguay *individuos dizendo-se escravos de outros*, o que nos dirá vendo o governo do seu paiz vender voluntarios da patria, laureados com 3 honrosas cicatrizes, como *bens do evento?!!*

—De primeiro os inspectores de quartel usavam de um distico na porta—*justiça de paz.*

—Acabou-se disso; hoje elles são de briga.

—Ha seus conformes.

—Eu sei que prendem e dão pancada por conta e risco.

Domingo 1, um inspector tomava seus *codorios* n'uma venda ao Cabeça, em trajes caseiros: calça e camisa.

—Sempre é inspector que vae para a venda em mangas de camisa *chupar.*

—Convidou para beber a uma crioula que entrou; esta não querendo foi xingada e xingou tambem.

—E' uso do açougue: quem mal diz peior ouve.

—O inspector esquentou-se, perseguiu a mulher, invadiu lhe a casa, e com uma ra-soira que encontrou, deu-lhe com viração.

A espancada correu para casa de um visinho, mas isso não lhe valen, por que o perseguidor varou pelo domicilio alheio a dentro e foi bumbando-a; o dono da casa oppoz-se e apanhou tambem.

Por fim, foi tomar a facha e voltou no character de authoridade para prender aquelle de quem violara a morada e com quem acabava de se atracar.

—Não sei para que dão cargos a certos homens de copo.

—E mesmo!... Um inspector desta ordem encommoda meia duzia.

—E põe tudo quanto é desvario em *scena.*

—Capitão, a verdade é uma brilhante *luz* que embora as *trevas* da calumnia lhe queira offuscar o brilho, ella sempre resplandece!

—Ao que vem essa miscellanea de palavras?

—E' que quero pedir um favor a V. Ex. sobre o facto publicado no seu periodico, relativamente a uma casa de educação do sexo feminino, no qual foi a boa fé de V. Ex. iludida.

—Pode dizer.

—Então ha de fazer-me o obsequio de transcrever um artigo da directoria geral dos estudos publicado no *Jornal da Bahia* de quarta-feira 4 do corrente.

—Que é d'elle?

—Aqui o tem:

«DIRECTORIA GERAL DOS ESTUDOS 2 DE MAIO DE 1870.

«O vice-director geral dos estudos, lendo no periodico *Alabama* de sexta-feira 29 de abril p. passado o facto, de que dá noticia com relação a uma casa de educação do sexo feminino, crendo ser elle o mesmo, do que teve de occupar-se em desempenho de seu cargo, julga de seu dever declarar que é elle inteiramente destituido de verdade; por quanto, tendo, antes da publicação do *Alabama* a que allude, tido denuncia do facto, e tendo procedido, sem a menor demora, a mais prudente, escrupulosa e circumspecta investigação, obteve em resultado a convieção de que aquella casa, sua directora e mais pessoas, que se fez representar n'aquelle drama, fo-

ram victimas de uma calunnia tanto mais atroz e detestavel, quanto fere sem piedade a innocencia infantil traiçoeiramente arrastada pelo lado da ignominia.

«Tendo a disposição e a força precisa para, na orbita de suas attribuições, verberar o crime, e vingar a moralidade publica de qualquer affronta, a vice-directoria geral dos estudos não julgou de leve esta questão; e aquelle que a representava, investigando com o espirito prevenido contra os crimes denunciados, e com olhos avidos e prescrutadores, teve a felicidade de voltar ao lar domestico com o coração tranquillo pela certeza de que não houve delicto, nem possibilidade de commettel-o, e de que portanto é falso o facto denunciado n'alquelle periodico que, inserindo-o em suas columnas foi também victima de sua boa fé.

«Henrique Teixeira Santos Imbassahy, vice-director geral.»

—Capitão, o Sr. L. Guimaraens Junior, folhetinista do *Diario do Rio de Janeiro* lembrou-se de escrever a seguinte chalaça:

«A camara municipal mandou celebrar Te-Deuns; determinou felicitações a generaes; illustrou ruas com denominações celebres; projecta monumentos e afinal esqueceu-se do melhor: uma postura ordenando que de ora em diante não se diga mais—morreu o Neves,—mais sim—morreu o Lopes.

LÁ VAE VERSO

O canto do Judas.

Sou Judas, trahi a Christo,
Não tenho disso pesar;
Ha tantos Judas no mundo
Que sel-o não é desar.

Judas é o deputado
Que mercadeja a eleição,
Para ir no parlamento
Envergonhar a nação.

Judas é o magistrado
Que vende a propria justiça;
O padre que tem mulher
Apezar de dizer missa.

E' judas todo ministro
Que rasga a Constituição;
Judas é o diplomata
Que compromette a nação.

E' Judas o advogado
Qu' atraiçoa por dinheiro;
O medico que enche a bolsa,
Receitando p'ra o coveiro.

O frade que rouba a ordem
Com ares de santarrão,
Trahe a egreja, trahe o estado,
E' Judas de profissão.

E' Judas o militar
Que a patria condecorou,
E que contra o inimigo
Nunca a espada levantou.

Escriptor que vende a penna,
E' Judas, é traficante;
Judas o marido que
Deixa a mulher pela amante.

A comer pasteis de nata
Engorda o magro empregado,
E' Judas, não tenham duvida;
Quem paga o pato é o estado.

Si o vinho nos faz mal,
Levando algum tempero,
E' Judas quem falsifica-o,
E' Judas o taverneiro.

E' Judas o namorado,
Que para o dote pilhar,
D'algunha incauta menina
Anda prosas a contar.

E hei de acabar na fogueira,
Nas immundicies de um fosso,
Em quanto acabam com honras
Mil Judas de carne e osso!

Motte.

O cabo Chico Diabo
Do diabo Chico deu cabo.

GLOSA.

Fecha o cerco em Aquidaban
O nosso Camara valente,
E trava-se a lucta ingente
Logo ao romper da manhan:
Cada qual com mais afan
Procura o cruel nababo;
E fazendo menos-cabo
Da vida, em lances da guerra,
Fez Lopez cahir por terra
O cabo Chico Diabo.

Fugia o monstro feroz,
E ao chegar na matta espessa,
Uma lança lhe atravessa
Soldado intrepido, veloz;
Ferido o tyramno atroz
So lhe acompanha o diabo;
Persegue o Camara o nababo.
E o mandando desarmar,
Soube que um golpe exemplar
Do diabo Chico deu cabo.

A PEDIDO

Sr. Redactor.—Lendo no seu conceituado jornal de terça-feira 26 de abril, n.º 637, que eu atrozmente trucei o menor de nome Pedro, escravo de Izidro Domingues Joaquim de Castro, e o qual me tinha sido entregue por este para ensinar-lhe o officio de pedreiro, pelo simples motivo de fuga, soffrendo o mesmo menor diversas contusões; me apressei em requerer ao Sr. Dr. delegado do 1.º districto exame e corpo de delicto no referido menor, e bem assim o ser elle interrogado, visto não ter eu feito castigo algum no mencionado menor, tanto que do mesmo interrogatorio que abaixo se lê, vê-se que nem eu estava na obra quando se deu o facto, o qual consta-me se passou da forma seguinte:

O menor aprendia a trabalhar em um sobrado que se está edificando na rua da Independencia, e nas horas de jantar fez uma gangorra e della cahindo, molestou-se sendo os ferimentos taes que os peritos declararam que não impossibilitavam o menor do serviço nem por um dia.

Declararam tambem os medicos que as contusões foram feitas por queda e por instrumento flexivel, e que aquellas são de recente data, e estas são mais antigas.

Releva declarar que o menor me foi entregue por seu senhor, a menos de trinta dias do em que se deu o facto: do que se conclue que as cicatrizes que elle apresenta por instrumento flexivel, foram feitas pelo senhor do menor, e as de data recente pela queda.

Já vê V que a pessoa que informou-lhe, e merece-lhe confiança, apartou-se da verdade, ou tambem foi mal informado, visto declarar o menor que eu não estava na obra quando se deu o facto da queda.

Escolhi o seu mesmo jornal para publicar o corpo de delicto e o interrogatorio feito ao menor, para que seus dignos assignantes que leram a atroz calumnia contra mim irrogada, leiam tambem a verdade do facto, e deixo a estes o fazerem o conceito da pessoa que informou a V.

Sou de V. leitor.

Manuel Friandes.

Auto de exame, e corpo de delicto procedido no menor de nome Pedro, creoulo.

Aos vinte sete dias do mez de abril do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos setenta, as dez horas do dia, nesta cidade da Bahia e sala das audiencias do Dr. delegado em exercicio Americo José dos Santos, comigo escrivão abaixo nomeado, os peritos notificados os doutores em

medicina Antonio Pacifico Pereira e Francisco dos Santos Pereira, o primeiro morador á freguezia da Conceição e o segundo á de Sant'Anna, e as testemunhas Pedro Luiz de Mattos, morador á freguezia de Brotas, Adão de Santa Monica de Queiroz e Silva, morador á freguezia da Sé, o juiz defiriu o juramento aos Santos Evangelhos de bem e fielmente desempenharem a sua missão declarando com verdade o que descobrirem e encontrarem, e o que em suas consciencias entenderem, e encarregou-lhes que procedessem a exame na pessoa do menor de nome Pedro, creoulo, que presente se achava e que respondessem aos quesitos seguintes:

Primeiro, se ha ferimento ou offensa physica; segundo, si é mortal; terceiro, qual o instrumento que o occasionou; quarto, si houve, ou resultou mutilação ou destruição de algum membro ou orgão; quinto, si pode haver ou resultar essa mutilação ou destruição; sexto, si pode haver ou resultar inhabilitação do membro ou orgão sem que fique elle destruido; septimo, si pode resultar alguma deformidade e qual ella seja; oitavo, si o mal resultante do ferimento ou offensa physica produz grave encommo do de saude; nono, si inhabilita do serviço por mais de trinta dias e finalmente qual o valor do damno causado.

Em consequencia passaram os peritos a fazer o exame e investigações ordenadas, e as que julgaram necessarias, concluidas as quaes declararam o seguinte:—Que pelo exame a que procederam no corpo do menor Pedro, verificaram existirem diversas contuzões do primeiro grau em differentes pontos do rosto, e dos membros, e em diversas direcções, sendo mais notaveis uma larga e pouco profunda na região malar esquerda com algumas escoriações ao redor, e uma outra alongada e dirigida obliquamente para diante e para baixo contornando o braço esquerdo na parte media. Estas contuzões se acham quasi completamente cicatrizadas e parece serem de data recente de seis a oito dias e das outras que são mais superficiaes e mais antigas, resultam apenas vestigios, pelo que respondem quanto ao primeiro quesito—Sim. Ao segundo—Não. Ao terceiro—Os ferimentos feitos, aliás, os ferimentos existentes parece terem sido produzidos por queda, e tambem por contusão com instrumento flexivel. Ao quarto, quinto, sexto, septimo, oitavo, nono—Não, e finalmente quanto ao valor do damno causado não o arbitram porque os ferimentos são tão leves que não podem inhabilitar do serviço o paciente nem por um dia e alem disto bastam para cural-os a força

medicatriz da natureza e os cuidados hygienicos. E são estas as declarações que em suas consciencias e debaixo do juramento prestado tem a fazer. E por nada mais haver deu-se por concluido o exame ordenado e de tudo se lavrou o presente auto que vae por mim escripto, rubricado pelo juiz, e assignado pelo mesmo, peritos e testemunhas comigo escripto Olympio José de Menezes que o fiz e escrevi do que tudo dou fé. *Americo José dos Santos.—Dr. Antonio Pacifico Pereira.—Dr. Francisco dos Santos Pereira.—Pedro Luiz de Mattos.—Adão de Santa Monica de Queiroz e Silva.—Olympio José de Menezes.*

— — —
Auto de perguntas feito ao menor de nome Pedro, creoulo.

Aos vinte sete dias do mez de abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta nesta cidade da Bahia, e sala das audiencias do Dr. delegado do primeiro districto Americo José dos Santos, onde eu escripto fui vindo, ahi presente o mesmo delegado compareceu o menor de nome Pedro, creoulo, e o juiz lhe fez as perguntas seguintes:

Perguntado qual seu nome, idade, estado, filiação, naturalidade e profissão?

Respondeu chamar-se Pedro, com dez annos de idade, filho da africana Anta, natural desta cidade, aprendiz de pedreiro.

Perguntado si é forro ou captivo?

Respondeu ser captivo.

Perguntado como chama-se seu senhor?

Respondeu chamar-se Izidro Castro.

Perguntado porque sahiu da tenda?

Respondeu que por ter apanhado do contra-mestre.

Perguntado para onde dirigiu-se ao fugir da obra?

Respondeu que foi para casa de seu senhor na rua Direita de Santo Antonio, morando ahi a mãe de seu senhor.

Perguntado porque foi que o contra-mestre o castigara?

Respondeu que foi por terem feito arenga delle.

Perguntado si é exacto ter elle armado uma gangorra na obra em que trabalhava, e della cahido estando seu mestre ausente?

Respondeu negativamente.

Perguntado si seu mestre, ou contra-mestre lhe dera balsamo para beber?

Respondeu affirmativamente.

Perguntado qual a razão porque lhe dera esse balsamo?

Respondeu que por ter cahido do vigamento e que depois de cabir o contra-mestre lho castigara.

Perguntado si seu mestre costumava castigar-o muitas vezes?

Respondeu negativamente.

Perguntado com que instrumento o castigava seu mestre?

Respondeu que com um chicote de cavallo, depois de lhe dar com o desempenho.

Perguntado ha que tempo está em poder de seu mestre?

Respondeu não saber.

E como nada mais foi perguntado nem respondido, assigna o presente auto a seu rogo por não saber ler nem escrever Saturnino Francisco da Rocha, depois de lhe ser lido e achar conforme, o qual vae tambem assignado pelo juiz e rubricado pelo mesmo do que tudo dou fé, eu Olympio José de Menezes, escripto que o escrevi. *Americo José dos Santos.—Saturnino Francisco da Rocha.*

— — —
Auto de perguntas feito a Maria Magdalena.

Aos vinte sete dias do mez de abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e setenta, nesta cidade da Bahia e sala das audiencias do Dr. delegado do primeiro, districto Americo José dos Santos, onde eu escripto abaixo nomeado fui vindo, ahi presente o mesmo compareceu Maria Magdalena, e o juiz lhe fez as perguntas seguintes:

Perguntada qual seu nome, idade, estado, filiação, naturalidade e profissão?

Respondeu chamar-se Maria Magdalena, com 30 annos de idade, solteira, filha da africana Floriana, ja fallecida, natural desta cidade, vive de negociar.

Perguntada si conhece o menor de nome Pedro e a que tempo?

Respondeu que conhece o menor Pedro ha quatro annos, epocha em que foi comprado por seu senhor, morando ella interrogada com elle.

Perguntada como foi parar em sua casa esse menor?

Respondeu que no sabbado, vinte tres do corrente, não estando ella interrogada em casa na occasião em que o menor para la foi, soube ao chegar em casa, que elle ali se achava maltratado, pelo que ella interrogada ignorando a principio o seu estado reprehendeu-o suppondo ter elle fugido da tenda; mas pelas suas respostas, e verificando o seu estado, resolveu-se a leval-o a um medico para examinal o, sendo o Dr. Thomé Affonso Paraizo Moura, o qual receitou ao menor o que entendeu preciso para sou tractamento; apezar disso trouxe-o á policia, afim de apresental-o ao Dr. chefe do policia, e que de facto apresentou o, entregando-lhe este o menor para tratar, visto

como elle recusava ir para o hospital, talvez por sua idade infantil.

Perguntada si sabe ter sido esse referido menor entregue a Manoel Friandes, mestre pedreiro para ensinar-lhe officio?

Respondeu que sabe por lhe ter dito o senhor do menor, marcando o praso de cinco annos para o ensino e responsabilidade do mestre.

Perguntada si sabe a que tempo está o menor no poder de seu mestre?

Respondeu que não pode precisar o dia nem o mez, sabendo que poucos dias antes do senhor do menor retirar-se para o Rio, foi entregue o referido menor a seu mestre.

Perguntada como se chama o senhor do menor?

Respondeu que chama-se Izidro Domingues Joaquim de Castro.

Perguntada si conhece aqui algum parente do referido Izidro, morador nesta cidade?

Respondeu que conhece a mãe do dito Izidro, que chama-se Maria Joanna e mora na rua Direita de Santo Antonio com ella interrogada.

Perguntada si o menor dissera de quem tinha apanhado?

Respondeu que o menor lhe dissera ter apanhado do contra-mestre e que seu mestre não estava presente.

Perguntada si conhece o mestre do menor, e qual o seu procedimento com os discipulos?

Respondeu negativamente.

E como nada mais foi perguntado nem respondido, assigna o presente auto a seu rogo por não saber ler nem escrever Pedro Luiz de Mattos, depois de lhe ser lido e achar conforme, o qual vae tambem assignado pelo juiz, e rubricado pelo mesmo, do que tudo dou fé eu Olympio José de Menezes, escrivão que o escrevi. *Americo José dos Santos. — Pedro Luiz de Mattos.*

Questão das Mervez.

Lê-se no *Diario da Bahia* de 7 do corrente.

«Em audiencia de hontem, foi condemnado pelo Dr. Antonio Carneiro da Rocha, juiz municipal da 3.^a vara, o reu Simberto Fernandes Alves Ribeiro a 6 mezes de prisão e multa correspondente a metade do tempo, como incurso no grau maximo do art. 237 § 3 do cod. crim., de referencia ao art. 236 §§ 2 e 4 e art. 230 do mesmo, por injurias impressas irrogadas ao conego Dr. Jacintho Villas-boas de Jesus.»

Pergunta-se ao Sr. padre que planta *rosas* com que direito apresenta-se sempre no meio dos que vem do campo com honra por que fi-

zeram sacrificio de sangue. S. Reyra. esteve aqui nas delicias de Capua e se passou por lá, foi para tomar ares, voltando logo, pois é mais agradável o andar todo empertigadinho no *legerium*, fora do triste aspecto dos moribundos.—*O capellão e o medroso da guerra*

Maranhão.

Nessa provincia, o Dr. José da Silva Maia, no dia do fallecimento do presidente Dr. Braz Florentino Henriques de Souza assumiu as redeas da administração, na qualidade de 1.^o vice-presidente, e em menos de oito dias desfez todos os actos de seu illustre e consciencioso antecessor, desmontando a policia, bem como a instrucção publica, recalhando quasi todas as nomeações em gente da antiga *Estrella*, da qual é elle chefe; e, o que mais é, tem estendido o seu furor ao ponto de demittir empregados honestos, deixando suas familias na miseria.

Frenetica e precipitadamente demittiu o intelligente e honrado inspector do thesouro publico provincial Henrique de Britto Guilhon, que contando mais de 22 annos de bons serviços exonerara no primeiro periodo de sua administração, por inimidade pessoal, não obstante ser conservador, havendo sido depois reintegrado pelo mencionado Dr. Braz.

Este acto do Dr. Maia veio completamente desmascarar-o, bem como o da demissão do illustrado Dr. Frederico José Correia, conservador distincto, 3.^o vice-presidente da provincia, do cargo de inspector da instrucção publica.

Não satisfeito com isso procura o actual vice-presidente da provincia, por meios illicitos, desfazer-se de alguns deputados provinciaes seus desaffectedos, pois, segundo nos informam, estão sendo ou vão ser processados clandestinamente os Drs. Salazar, Joaquim Tito de Pinho Lima, e um dos redactores do *Constitucional* Ricardo Alves de Carvalho, afim de não poderem tomar assento no dia 3 de maio proximo vindouro, marcado para a abertura da assembléa!

Grave é hoje a situação politica da pobre provincia do Maranhão, e mais grave e melindrosa ella se tornará si for conservado em sua administração o Dr. Maia, reconhecido por todos incapaz de dirigir os seus destinos sem odios e rancores.

Elle não só debella os adversarios, como aniquila os proprios conservadores, aquelles que não o querem aceitar como chefe do partido!

D'aqui a gravidade de sua posição e a immensa responsabilidade que pesa sobre o gabinete de 16 do julho.

VARIÉDADES.

Annuncio curioso.

Eis-aqui um annuncio publicado em um jornal de New-York:

«Vende-se um macaco, um gato e dois pagaios.

«Quem os pretender procure Mme. X..... rua *** n...., visto que esta senhora tendo se casado, não precisa mais destes animaes.

A *Revue des cours litteraires* publica a seguinte curiosa historia:

«Na praça onde está o convento de Jesus, em Roma, sopra o vento continuamente. Porque? Os romanos, de natural tão picaresco como os francezes, não encontram difficuldade para explicar este phenomeno.

Um dia, dizem elles, o diabo e o vento caminhavam juntos:

—Espera ahi; tenho o que fazer nesta casa: volto d'aqui a um instante.

A tal casa era exactamente o convento dos jesuitas. O diabo entrou nelle, e ainda não sahio, e desde esse tempo está o vento á espera, todo enfurecido, na praça de Jesus.»

Os tres amigos.

Não te fies em um amigo sem o experimentares: encontram-se mais amigos nos banquetes do que na porta do carcere.

Um homem tinha tres amigos; dois dentre elles lhe eram muito charos; o terceiro lhe era indifferente, embora este lhe mostrasse sincera affeição.

Um dia, gravemente accusado, teve, posto que innocente, de comparecer diante da justiça. Qual de vós, disse elle a seus amigos, quer acompanhar-me e depôr em meu favor? pois pesa sobre mim uma grave accusação, e o rei está irritadissimo.

O primeiro dos amigos recusou-se logo, allegando negocios que o impediam de sahir. O segundo acompanhou o accusado até a entrada do tribunal; ahi, temendo a colera do juiz, voltou.

O terceiro, com o qual pouco havia o reu contado, entrou, fallou em seu favor, e demonstrou com tanta convicção a innocencia do reu seu amigo, que o juiz o absolveu e mesmo o recompensou.

O homem tem neste mundo tres amigos: como se comportam elles na hora da morte, quando Deus o chama diante do seu tribunal?

O *dinheiro*, bom amigo do homem, deixa-o logo, e não vae com elle; os *parentes e os amigos* o acompanham até as portas do tumulo

e voltam. O *torceiro*, em que muitas vezes não cuidou em sua vida, são suas *bons obras*; ellas somente o acompanham até o throno do juiz, ollas o precedem, fallam em seu favor, e encontram graça e misericordia.

Um cabo de esquadra queixou-se um dia ao capitão que o soldado José Pereira 2.º lhe injuriara.

—Anda cá, soldado, como injuriaste tu o cabo de esquadra?

—Meu capitão, com o devido respeito a V. S., eu não injuriei ao cabo de esquadra, disse-lhe apenas que elle era um ordinario.

—Então não é uma injuria?

—Não Sr., com o devido respeito, e passo a proval-o. Queira V. S. ter a bondade de dizer-me: os Srs. inferiores estão abaixo ou acima dos Srs. officiaes?

—Estão abaixo.

—Os cabos estão abaixo ou acima dos Srs. inferiores?

—Estão abaixo.

—Então, já vê V. S. que abaixo de inferior só está ordinario.

Perguntado certo philosopho qual era a côr que melhor assentava no rosto de uma mulher, respondeu com tanta agudeza como verdade, que a do *pudor*.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convidado os Srs. socios a se reunirem em assemblea geral ordinaria, quarta-feira 11 do corrente, ás 6 horas da tarde, afim de se-lhes presente o relatorio e o parecer da commissão de contas do trimestre findo. Bahia 9 de maio de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hippolyto*.

Atenção.

Hoje deve correr terceira praça um terreno com seis braças de frente e vinte cinco de fundo, sito a rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, pertencente aos herdeiros do fallecido José Ricardo de Santa Anna, no qual terreno ja se acham levantadas tres frentes com algumas divisões para tres propriedades, avaliado por 1:200 \$ rs.

Roga-se ao Sr. Grato da Silveira Bastos Varella queira comparecer na loja n. 9, ao Taboão, a tratar do negocio urgentissimo, que o mesmo Sr. não ignora. Bahia 2 de maio de 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª

DOMINGO 15 DE MAIO.

N. 645.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
14 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.º districto, communicando-lhe que nos informam que anda por esta cidade um industrial enganando ao publico com choradeiras pedindo dinheiro para enterrar um dia o filho, outro a mulher, outro a mãe e assim vac passando a vida commodamente; espera-se que S. S. tome medidas para o correctivo de semelhante reu de policia, que, consta, chamar-se Roberto.

—A febre amarella anda beirando.

—Existem onze doentes na enfermaria por cima do forum. Os atacados são inglezes e succos.

—Ao passo que, dizem, o governo mandando informar a inspecção de saude do porto, esta respondeu que não ha alteração!

—A inspecção da saude visita os navios peremptoriamente na occasião das entradas, ao passo que a molestia accommette dias depois de surtos no ancoradouro. Não pode portanto estar em dia com o que se passa no mar.

—O governo porque não manda abrir o lazareto do Mont-Serrat?

—Porque não quer.

—Porém é querer comprometter a saude publica; é mesmo procurar pestear a cidade, consentir no centro da população, no lugar de mais crescido ajuntamento, um foco de epidemia contagiosa.

—Não se assuste; ninguem morre na vespera.

—E eu digo que o seguro morreu de velho. Cautella nunca fez mal.

O governo crusa os braços em quanto é cedo, ao depois, si a cousa pegar, que Deus tal não permitta, como ha de ser?

—Lê se na *Opinião Liberal* de 30 do passado:

«SEJA COHERENTE, SR. CONDE.—Hontem na rua de Guanabara alguns escravos, em numero de 10, pouco mais ou menos, cercaram o imperador e o Sr. conde d'Eu, e pondo-se de joelhos supplicaram, dirigindo-se ao altissimo:

—Meu senhor! dê-nos alforria, pelo amor de Deus, pelas alegrias do dia de hoje! Valhamos meu senhor, etc.»

Supplica mais pungente, Sr. conde, não lhe fizeram por certo aquelles «individuos que V. A. encontrou lá no Paraguay dizendo-se escravos de outros.»

Os de lá foram attendidos pelo governicho semi-barbaro daquelle desgraçado paiz; e os de cá sel-o-hão por ventura pelo governo *civilisado e civilisador* de seu digno sogro?

A falla do throno dar-nos-ha a condigna resposta. Águardemol-a.»

—Quando Lopez foi sorprendido pelas nossas forças, estava ricamente vestido, com uma blusa nova e botas á Mellier novissimas, o que despertou a attenção de muitos.

—Tambem dizem que na occasião em que foi ferido montava em um cavallo baio, pertencente a cavallaria brasileira.

—O que ninguem sabe explicar é por onde recebia elle taes objectos.

—Capitão, peço a palavra.

—Tem a palavra.

—Tertuliana Ferreira Santa Rosa, é uma moça orphan, mentecapta; mas que um espartalhão illudiu ao juiz dizendo que a moça tinha chegado a sua maior idade e podia tomar conta da regencia de seus bens.

O juiz despachou o requerimento em favor da pretensão do tal esperto.

—Ah! Latronopolis!

—Essa moça esteve para casar-se com Raymundo Pinheiro; mas depois desistiu este do seu projecto, visto como conheceu loucura nella, o que prova-se com as cartas do proprio

padrinho della, hoje instituido seu procurador.

—Uma louca passando procuração! E' irrisorio isto!

—Prosiga!

—Espere V. Ex., vou primeiro munir-me dos documentos.

Au revoir!

—Este homem do cisco cassúa completamente de todos e de tudo!

—E vae comendo de gauderio o dinheiro da provincia.

—Eu realmente não comprehendo, á não ser pela mais desmarcada protecção, como se tolera que um homem se locuplete assim com o suor do povo!

—E' impossivel que o digno chefe de policia, por meio de seus agentes, não tenha noticia de tanto deleixo.

—Onde é que ja se viu dentro de uma cidade que tem uma empreza subvencionada para acciar-lhe as ruas, crear-se no centro da população um pernicioso deposito de esterco e lixo a prejudicar a salubridade!

—Aqui; onde a vida do povo é ninharia; que so se olha para o cobre que se recebe.

—O becco das Escadinhas, na ladeira da Conceição, está obstruido pela immundice ali atirada; brevemente assumirá proporções de encobrir um homem.

—O que parece inacreditavel é dizer-se que os proprios carroceiros da limpeza ali despejam.

—E' exacto; para encurtar viagens.

—Pouca vergonha!

—Tem passado na Preguiça?

—Não.

—Passe para ver a maneira por que é cumprido o contracto. Cada becco é um monturo.

—O contracto estabelece multas, por que não se impoem?

—Para que? As multas virou sabão.

—Ora sebo! Querem proteger, protejam; mais não zombem tão ás canearas da opintão publica.

—Ora vê que diabo de coincidencia, capitão?

—Em que, homem?

—Lembra-se do passo que lhe contei do padre que indo confessar uma enferma, agradara-se na casa de uma menina a quem fez propostas de seducção?

—Lembro-me; e seduziu?

—Consta-me agora que o capellão dos Afflictos entendeu que aquillo era com elle.

—Pois a carapuça serviu-lhe?

—Não; mas diz que se deu com elle caso identico, embora com fim diverso.

—Porém nesse caso bem vê que não foi com elle e sim com o padre devasso, que abusou do sagrado ministerio que ia exercer á cabeceira de uma doente, seduzindo uma innocente, chamando-a para sua casa, procurando corrompel-a com presentes de vestidos e tornando-se renitente em querer prostituil-a.

—O capellão dos Afflictos muito afflicto, dirigiu-se ao vigario da Victoria e expoz-lhe que, aquillo que elle fez com boas intenções, as lingoas maldizentes estavam interpretando malignamente e continuou dizendo que, se propoz a menina para sahir de casa, foi puramente por obra de charidade, com pena de vel-a ficar ao desamparo; pois definitivamente a mãe morria e ella teria de ficar ao abandono na miseria; que prometteu levalla para casa de uma familia; que o vestido que lhe deu foi por esmola e não com vistas libidinosas por lhe dizerem que a menina não tinha o que vestir; que não teve em vista seduzil-a mais sim guardal-a das garras dos libertinos que haviam de procurar pervertel-a ficando desamparada; que a ella so dirigiu palavras aconselhando para o bem e que com tal sentido é que continuou a frequentar a casa com assiduidade.

—Que santo e bem-fazejo sacerdotel! Eu creio muito nesses desinteresses.

—O reverendo vigario da Victoria ouvindo a queixa do magoado capellão, encaminhou-se para os Afflictos no dia 10 e procurou a casa da enferma. Abi entrando syndicou do facto, exigiu a presença das meninas, uma das quaes ja não estava, (não sei si a tal) e depois dirigiu se a enferma dizendo-lhe que era ella a causa de ser um sacerdote deprimido, e que por tanto devia fazer penitencia; que sendo aquelle dia de festa a S. Francisco Xavier, era muito proprio e visto não poder, por seu estado, ir á igreja, que em casa mesmo fizesse a penitencia afim de alliviar-se da culpa que sobre ella pesava por ser a causa de um ministro da igreja ser detractado.

—Porem que culpa tem a enferma, agoniada de dores, que o padre seja calumniado?

—Tirada a causa cessa o effeito; si o padre não fosse confessal-a não havia motivo para elle entrar em tal casa e dar logar a interpretações más.

—Eu que não sou vigario não penso assim; entendo que a enferma não tem culpa que os detractores maculem a obra pia do charidoso capellão que dá vestidos a tenras raparigas por commiseracção.

—Que detractores, Sr.? V. Ex. não assumptou bem. Ninguem se lembrou do capellão dos Afflictos; elle propri foi que achou

analogia nos dous casos e entendeu ser com elle, quando um foi praticado com vistas lubricas, e outro guiado por espirito de beneficencia.

—Eu quando estou com minha consciencia limpa não receio.

O Sr. capellão dos Afflictos sabe muito bem que não foi elle que depois de confessar uma enferma cobiceou uma menina que julgou ser filha della, chamou-a de parte, e a convidou para sua companhia, amedrontando-a com a morte da mãe, que no outro dia levou-lhe um corte de chita, e continuou a presentear a e a frequentar continuamente a casa empenhado na conquista; que quem pratica isso é algum padre immoral, refugo de sua classe; por tanto não deve se encomodar.

—Capitão, trago-lhe aqui o *Deseseis de Julho*, gazeta publicada na côrte.

—Para que?

—Para V. Ex. apreciar este artigo, sobre o distincto e bravo capitão Antonio Cezar Tupinambá.

—Essa folha é liberal, não?

—E' conservadora; vou ler para V. Ex. ouvir.

—Não; quero comer com minha mão mesmo. Dê-m'a.

«UM VOLUNTARIO DA PATRIA.

«Com o 41, de que faz parte, recolhe-se á provincia da Bahia, sua terra natal, o Sr. capitão Antonio Cesar Tupinambá, cuja fé de officio só por si, constitue uma pagina da historia da encarnizada luta que por mais de cinco annos sustentou-se entre o Brasil e o Paraguay.

Alistou-se aquelle valente official no corpo de voluntários bahianos denominado — *Prinzeza Leopoldina*, — em 2 de julho de 1865; sendo promovido a tenente a 3 de dezembro, seguiu para a campanha a 14 do mesmo mez e anno. Naufragando a 18 na costa do Albardão, no Rio Grande do Sul, prestou por essa occasião relevantes serviços, salvando com risco da propria vida a diversos naufragos.

Em 25 de abril de 1866, emcorporou-se ao grosso do exercito no territorio do Paraguay, tomando parte na gloriosa jornada de 24 de maio com tanta galhardia e denodo que foi louvado e agraciado por S. M. o imperador com o habito da ordem de Christo.

Em 16 e 18 de julho daquelle anno, entrou em combate e foi elogiado pelo general Flores, na ordem do dia dessa ultima data. No combate de Curupaity, dado a 22 de setembro, sendo gravemente ferido recolheu-se ao hospital de sangue, donde sahiu agraciado com o

habito da Rosa, para tomar parte no combate de 24 de setembro no Estero Rojas.

Promovido a capitão, assistiu ao reconhecimento de Tuyuti quando praticou um feito digno de menção: da parte inimiga havia um ponto que os nossos chamavam-no *linhas negras*, porque o tiroteio desse lado era tão continuo como terrivel. Em uma madrugada o capitão Tupinambá, com 60 homens, atacou essa linha de atiradores, destroçando-os voltou incolume a offerecer á seu distincto comprouvenciano o coroneel Paranhos os despojos tomados ao inimigo.

Fez parte dos victoriosos combates de 21 de março contra as fortificações de Sauce, no sanguinolento reconhecimento das linhas de Humaytá do lado de Curupaity, nos combates diarios do Chaco de 25 de julho a 5 de agosto, dia em que se rendeu o inimigo fugitivo de Humaytá; assistiu aos reconhecimentos de Angostura; tomou não pequena parte no combate da ponte de Itororó em 6 de setembro, no de Avahy em 16 do mesmo mez, no de Lomas Valentinas e rendição de Angostura e em muitos outros que fôra longo enumerar.

Quem assim soube cumprir com o seu dever, bem merece da patria e muito mais do logar do seu nascimento.

Estamos certos que a provincia da Bahia saberá receber condignamente o filho, que juntou mais uma corôa a seus tantos e tão invejados tropheus; e que os seus comprouvencianos hão de inclinar-se á passagem desse moço e brioso capitão, que tantas e tão boas provas deu só por si, de quanto valem os descendentes de Caramurú.

Pela nossa parte só nos cabe aqui, saudando de coração o distincto voluntario bahiano, desejar-lhe prospero e feliz regresso ao lar querido dos seus.»

A PEDIDO

—Os deputados geraes este anno estão com pouca vontade; muitos ainda andam por ca.

—Outros ja foram. O Dez. Innocencio Marques, os Drs. Junqueira, J. Gonçalves e Dionisio Martins, etc.

—Esse foi no *Marsilio Dias*.

—E' provavel que dispensasse a ajuda de custo.

—Porque rasão, si é de lei? Que descoco!

—Desculpe-me; eu sou bastante rustico em negocios de gabinete. Pareceu-me que fazendo a viagem n'um transporte do estado, não era preciso dinheiro para passagem.

—O que eu lhe acho é muito simplorio;

sempre é homem que vê embrulho e pensa ser moqueca.

Conheço uma gozda Anna
A quem chamam leviana,
Não sei porque;
Será porque ella namora
Dia e noite, a toda hora
A quantos vê?

Conheço uma Clara escura,
Um Angelica que jura
Não haver ceu:
E uma Serafina grossa,
Tanto que não ha quem possa
C'o peso seu.

Conheço uma Margarida
Em tudo so parecida
Com um cipó:
Uma Prudencia que o rosto
Do esposo em estado ha posto
Que causa dó.

Innocencias transviadas,
Tambem Candidas mescladas
Muitas ja vi.
Clemencias impiedosas,
Sem perfume muitas Rosas
Andam ahi.

Generosas avarentas,
Constancias namoradeiras,
Não poucas ha.
Algumas malditas Bentas
E Barbaras curandeiras
Tambem vi ja.

Motte.

*Si algum dia perjurares
Descreio até da virtude.*

Amar-te-hei si guardares
Constante a fé promettida;
Mas deixarei de ter vida
Si algum dia perjurares.
A uma alma vil, fementida,
Que por qualquer revez muda;
Um' alma que féra illude
A quem fiel sabe ser,
Faz-me de tudo descrer,
Descreio até da virtude.

VARIÉDADES.

Civilisação em Portugal.

ANNUNCIO.

Em virtude do emanado Edictal do Nosso Felis Governo que hoje dia nos Rege; tenho a

dizer aos Senhores d'este lugar que em tod o Orbe Portugal não encontrarão uma Escola com as favoraveis vantagens a utilidade da mocidade. Uma Escola em que os meninos encontrão o serviço da mesma um cento de livros, 100 papeis com discres diversos, 20 pedras para contas, 50 Taboadas, 50 Cartilhas para os principiantes, papel e penas; tinta, e tudo o mais necessario para a perfeição das Primeiras Lettras, e uma duzia e mais de Livros Francezes, para os curiosos; d'este modo parece mais que negligencia não se utilisarem alguns dos Pais de Familia de um bem de tanta Felicidade para seus filhos, os quaes o lamentão quando chegão a idade racionavel, como succede a milhões delles nos nossos dias, que o chorão sem remedio: Por tanto corrão todos a contentar o ardente zelo de Nossa Amada Rainha, esta Santa Soberana que se tem esmerado desde que nos fez felizes com o seo reinado, não tem cessado de gritar os seus Ministros sobre a educação da Mocidade; motivo porque na Aula Regia d'este lugar se encontra hum Decreto da mesma Augusta Senhora de 1835 passado pelo seo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães com todo o rigor sobre o mesmo objecto: Assim o deu a intender o Grande Philosopho Socrates no Conselho que deu para a reforma da Republica d'Athenas desfallecida do seo bom Governo mandando por sumo cuidado na Educação dos Meninos e accrescentamento das Escolas, intendendo que conforme o bom ensino que tem na puericia, assim obrão depois quando homens. Bem o conheceu Isaias quando pelas desordens que viu em Jerusalém exclamou dizendo: Aonde está o Lettrado, Aonde está o Mestre de Meninos, Viu o Santo Profeta que não havia n'aquella cidade nenhuma escola para educação da puericia, e desta falta entendelhe provinhão todas as desordens a Sua Republica, donde claramente se vê a grande utilidade, que se lhe segue da boa educação, o Homem é uma fera, um Leão, faltando-lhe a educação. Nero mandou matar a propria mãy para ver as entranhas onde tinha nascido e Deos Guarde a quem o ler para tal lhe não succeder.

O Professor....
(EXTR.)

Um alveitar tendo curado o cavallo de um medico, ao perguntar-lhe este quanto devia, respondeu-lhe o alveitar:

— Nada, não costumo lovar dinheiro aos da minha profissão.

Ty. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª

QUARTA-FEIRA 18 DE MAIO.

N. 646.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.ª rs. por serie de 10 numeros; 5.ª rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
17 de maio de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um buraco na rua da Ordem Terceira de S. Francisco, o qual se acha aberto ha muitos dias, o que pode ser desastroso, quando nada a algum cego que por ali transite. Já que a Illma. tem um pedreiro que anda tapando buracos, deve ordenar-lhe que tape mais este. Espera-se ser attendido.

—As bexigas estão assolando na Casa de prisão com trabalho.

Só no domingo, a padiola da Santa Casa transportou para o hospital da mesma oito infelizes accommettidos dessa peste devastadora.

Na segunda feira vieram mais seis.

—Causa pasmo!

N'uma terra onde ha um instituto vaccinico, morrerem os presos de bexiga!

—Antes deixar cada um á mercê de seus recursos, do que impingir pêsca de que ha policia para manter o socego e garantir o individuo.

A decencia e o pudor são feridos a toda hora.

O cidadão pacífico não encontra segurança para sua pessoa.

—Os agentes da força publica applaudem com revoltante indifferença os desmandos dos turbulentos.

Domingo ás 10 horas da noite, o echo de tres amotinadores enchiam o espaço dos mais obscenos termos e palavras de arrepiar o pudor. Vinham desde a praça em tão reprovavel assuada. No Terreiro, um individuo que passava, olhou intencionalmente para elles, admirado, como é muito natural, de tanta desfaçatez, tanta falta de honestidade.

—O facto é de causar extranhese, e chama a attenção de qualquer.

—Mas note que o individuo olhou puramente para elles, não dirigiu palavra e foi seguindo seu caminho.

Só por isso, um dos estabanados voltou a perguntar-lhe porque olhava e se tinha de que admirar-se dirigindo-lhe as mais insultuosas provocações e ameaças, embora os companheiros, parecendo mais prudentes, procurassem accommodal-o.

—Dá-se que sem razão!

—Quatro soldados, dois encostados a uma arvore e dois sentados nas escadinhas de S. Pedro, ouviram com criminoso impassibilidade todo aquelle acervo de torpezas.

—Estão ali para vigiar as arvores que não fujam.

—Então a policia não tem obrigação de conter os desordeiros, e fazer com que não seja perturbado o silencio em horas mortas, com vozerias immoraes!...

—Nossa policia tem a conformação de uma preguiça.

—Nas Portas do Carmo deu-se caso igual com outro homem, que andando, proferia comsigo algumas palavras condemnando o irregular procedimento daquelles individuos.

—A policia desta terra é assim.

Ou muito deleixo e inepecia, ou muito absurdo e desatino.

—Capitão, quem se livra de uma destas?

—Diga lá, para ver se lhe dou algum remedio.

—Um estrangeiro, o Bacellar pianista e outro individuo, entram n'uma bodega ao Terreiro, e pedem o que comer.

Empinaram tres garrafas do roxo, peixada, laranjas, café, doces e mais traquinadas de mesa. Comida feita, companhia desfeita: depois de bem guarnecidas as paredes do estomago, o individuo safou-se, após elle sahio o Bacellar e ficou o estrangeiro, muito imparcial.

O hospedeiro vendo que o cujo fallava em tudo, menos em dinheiro, apresentou-lhe a

conta; mas elle respondeu com imperturbavel fleugma:—«Sim, mas eu não tenho com que lhe pague.»

—E esta!

—Depois de entripado o petisco, o que fazer?

—Na verdade é celebre semelhante communismo com o alheio!

—E o Sr. Bacellar que anda sempre metido em boas!

—E' preciso peito para levar a effeito uma tal gentileza!

O industrioso gauderio aproveitando um descuido escamou-se; mas teve a imprevidencia de passar pela repartição da policia, onde o destacamento deu-lhe pousada por aquella noite, em razão de vel-o acossado pelos que iam em seu seguimento.

—E' bem pernicioso o gosto de alguns montadores de cavallo andarem desembestados pelas ruas.

—A camara municipal determina uma multa para elles.

—Ninguem leva em conta as posturas da camara.

—Ou os agentes della é que são negligentes em executal-as?

—Tambem pode ser.

De qualquer forma, o caso é que ainda no domingo resultou um sinistro de tão imprudente costume. Um menino ficou debaixo das patas de um cavallo na rua de

—Coitado!

—Felizmente por abi passava o Barros fiscal que ponde prender o cavallo mas não o cavalleiro.

—Desde tres horas está este baptisado na egreja; são cinco e meia e nada de vigario; apezar de já se lhe ter ido chamar tres vezes!

Pessimo defeito é ser pobre!

—Perante Deus não ha pobreza nem riqueza; ha o homem, ha o pó.

—Mas os executores de sua lei não procedem assim. Aposto que, si fosse um rico, o vigario vinha in continenti e quando se demorasse um pouco, desfazia-se em um milhão de desculpas?

—Afinal ali vem um padre fazer as suas vezes.

—São mais de seis horas; está escuro; eu nunca vi baptisado á noite.

—Supponho até que é vedado pelas leis ecclesiasticas; mas elles dizem que tudo isso são formalidades, cuja violação nada importa, que são formulas impostas á credulidade dos feis para trazel-os jungidos ao fanatismo clerical.

—Elles mesmos aberram contra as instituições da egreja e depois bradam contra o espirito de incredulidade da epocha.

—A inclyta Mãe da Mãe de Deus queira illuminal-os, para não darem todos os dias tão maus exemplos.

—O estado anormal em que vae esta terra deve abalar ó animo do homem peccato.

Quando se appella para a faca e o punhal como arbitro de qualquer contenda, a cousa não marcha bem.

—Já está V. com apprehensões exageradas.

—Acha que não é nada aquelle estrangeiro malandro, puchar por um formidavel trincheite e encurralar a rapariga, no recanto da obra daquella casa do Adães, aqui na rua do Tijolo?

—Isso é um ou outro facto destacado, não serve de regra.

—Destacado, é que se não passam dous homens, elle podia *envial a*, e pôr-se ao fresco. E depois procurassem o homem da capa preta.

—A que nação pertence aquelle homem?

—Ignoro; anda sempre por aqui naquelles trajas a mangalaça e usa grossos tamancos.

Consta que aquella faca é sua inseparavel companheira.

—E' a qualidade de europeus que para cá vem, a borra; os morigerados e laboriosos passam por aqui e vão em busca das plagas do Prata.

—Nessa parte indague quem tem a culpa; cada um procura o que lhe faz mais conta.

—Capitão!

—O que quer?

—Quero pedir a V. Ex. para noticiar que hoje pelas 6 horas da tarde reúnem-se os socios da sociedade **Monte-Pio dos Artífices** em assembléa geral, afim de discutirem o relatorio do conselho do trimestre findo e o parecer da commissão de contas.

—Estou sciente; vou mandar noticiar.

Cumpre a elles comparecerem e não deixarem aquillo assim ao abandono, dando logar a que se annuncie muitas vezes, o que é em prejuizo da sociedade, visto como em annuncios e mais annuncios de convocações, sem haver reunião, absorve o *Diario da Bahia* uma boa cifra todos os annos.

—Capitão, venho lhe dar noticia da romaria do batalhão 41 de voluntarios da patria.

—Ora vamos lá com isso.

—No sabbado ás 4 horas da tarde o batalhão desfilou do quartel do forte de S. Pedro e seguiu pelas ruas annunciadas.

Pela Calçada houveram muitos arcos, flores, foguetes, bombas, poesias, etc.

Ao entrar do adro do Bomfim havia um arco com o seguinte distico:

GRAÇAS AO SENHOR DO BOMFIM.

O batalhão acampou na baixa do Bomfim e ali armaram algumas barracas; porem aquelles que não tinham barraca enrolaram-se em seus capotes, e ali apreciaram a magnifica lua com os seus pallidos raios, alguns tocando violão e cantando modinhas, outros tomando seu *prego* para entreterem a noite, e muitos de baralho de cartas perdendo o que ganharam com o risco da propria vida, em defeza da patria.

A's 5 horas da manhan, a musica de policia, que os acompanhou e a do corpo, tocaram alvorada.

A's 8 horas formou-se o batalhão e ás 9 marcharam para render graças ao Deus do exercitos, por haverem regressado, cobertos de louros, ao seio de suas familias e da patria terra.

O acto da egreja esteve solemne.

Depois da missa seguiram a dous de fundo para beijar o Senhor Bom Jesus do Bomfim. Durante este acto tocaram as duas musicas.

O thesoureiro da irmandade deitou sobre o pescoco do Sr. coronel Joaquim Mauricio uma medida tendo nas pontas a effigie do Senhor do Bomfim.

Findo este acto vieram para a carneação e mataram dous bois e uma vitella, tirando cada um seu pedaço para comer com as laranjas que offereceu o Sr. Paulo Pereira Monteiro, a farinha e o vinho que deu a companhia de Vehiculos.

—Foi de tola que ella fez esta offerta?

Que numero de passageiros calcula V. que conduziu?

—Mais de tres mil.

—Hum!... O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

—Mas vamos ao final.

A's 4 horas da tarde regressava o batalhão para a cidade, e por todas as ruas do seu trajecto foi recebido com as mais entusiasmaticas ovações.

—E a respeito de desordens?

—Algumas, devidas a *fortaleza* de Baccho, que de prompto se accommodava.

—Os beccos e travessas da cidade baixa não parecem pertencer a um bairro que é o centro do commercio.

—Porque pensa assim?

—Pelo estado immundo em que estão.

—O homem do cisco não leva essas cousas

em conta; vae chasqueando da condescendencia soffredora deste publico.

—Ha logares que parecem estrumeira.

—Por força hade ser assim; a empreza alem de *torrada*, anda atarefada com a conducção de objectos particulares, não pode dar vasão a tanta cousa.

Com o cobre da provincia ella conta certo; portanto procura que outro fazer que deixe mais alguma cousa.

—*Pluribus intentus minor ad singula sensus*—quem attende a muitas cousas não dá conta de nenhuma.

—No domingo á noite, de volta do Bomfim, andaram com as mãos pelo chão, o portuguez Vieira e a parda Emerenciana no Maciel de Baixo. Aquelle ficou de cabeça partida e esta com a roupa em tiras, e perdeu todo o ouro, que, segundo dizem, regulava por umas duas libras.

Seis policiaes conduziram-na em charola para a casa de correcção.

—Que ostentação para prender uma mulher!

E o homem?

—Ficou solto.

—Ora está!... Encontra-se duas pessoas brigando, prende-se a uma e manda-se a outra emboral

—A mulher foi solta de noite mesmo, as dez horas.

—Isso é por que teve Deus de sua banda.

Despedida

Que fez uma heroina do becco do Oratorio ao seu voluntario do 40 com a chegada do 41.

Fun!... que fedor de quarenta
De quarenta e um que cheiro!...
Quarenta está de *moleta*,
Quarenta e um com dinheiro.

Voluntario do quarenta,
Não me entre mais aqui;
Homem que não tem dinheiro
Seu caminho é por ali.

Quer *carrasquear* agora?
Ora, isso so se vendo!...
Não acabou o dinheiro
O que fica mais fazendo?

Achou pouco mez e meio
Que levou a disfructar?
Arribe, que está *quebrado*;
Deixe quem pode gastar.

Deixo-me ver minha sorte
Com estes o que será;
Vou ao forte de S. Pedro
Algun commigo virá.

A PEDIDO

— Cinco annos, tres mezes e doze dias de correram, depois que nesta cidade passava-se um spectaculo tocante e grandioso. O embarque do corpo policial, voluntario da patria para o sul.

— Foi um dia, cuja lembrança ficou eternamente gravado no coração dos bahianos e cuja gloria será immorredoura para a Bahia.

— Quadro enternecedor e sublime! Aquelles corações varonis que corriam ao reclamo da patria, se enterneciam ao sentido pranto de innumeradas familias, que imploravam aos ceus a victoria para os seus.

Apoz tão longo peregrinar de fadigas insuperaveis, de privações inconcebiveis, cil-os que voltaram a terra da patria, que saudosa os esperava, e esse mesmo povo que os cobriu de flores na hora enternecedora da partida, jubiloso os recebe na mais acrisolada effusão de entusiasmo e alegria

Partiram revestidos do mais santo patriotismo, voltaram cobertos de gloria.

Para elles as bençãos do ceu, por que souberam ser dignos da missão que tomaram sobre si.

— E essas ovações da turba, de que é alvo o bravo commandante e seus leaes companheiros de armas, deve enche-los de nobre orgulho, por que são espontaneos, e tem mais significação do que o costumeiro regio abraço transmittido para elle e seus commandados.

— Aqui fabrica-se *véstimenta* para os pés.

— E joga-se tambem.

— Divertem-se com as damas.

— Não duvido; alguma dama de taboleiro de rolletes.

— O que, homem? As damas é um jogo de tabolagem.

— Ah, percebo; e tambem o pacaú, o vinte um, o monte, a bisca, etc.

— Principiam sempre por divertimento e acabam por desordem.

— Defronte do Calundú! Na rua Torta de Palacio! Ora queira Deus, a brincadeira não dê com tudo um dia no cagarrão.

— Olá, maganão, que astucia ideiou V. para cinzar seu *maioral*, eim?

— Pois não, homem; eu queria tomar uma carraspana, e o excentrico filho da terra das batatas, nada de querer me dar licença.

Usei de um ardil; fui a elle e disse-lhe que queria me confessar; o homem decidido respeitador da liberdade de consciencia, concedeu-me, sem observações dous dias, que empreguei no pagode.

— Quem foi seu mestre, meu charo?
— São sagacidades que aprendi depois que entrei para a *estrada de pau*.

— Está perito, lhe affianço.

Mas diga-me, de que *estancia* é V. *chefe*?

— Isso agora, nem que V. chore *pitangas* não lhe digo.

VARIÉDADES.

Nova Castro.

Representava-se a tragedia *Nova Castro*. Ignez prostrada aos pés do rei Affonso implorava-lhe perdão. O rei permanecia inexoravel, depois, commovido, diz:

«O pae quer perdoar; o rei não pode.»

Um matuto, que pela primeira vez ia ao theatro, julgando ser tudo aquillo real, exclama da plateia:

— Perdôa, rei do inferno, sinão vou abi e te faço em pedaços.

O actor que representava Affonso, vendo pelos gestos que o matuto estava disposto a executar o que dissera, tremendo diz a Ignez:

— E' o que te vale. estás perdoada.

Alguns da plateia bradam então:

— Isso não é da peça!

— Não importa, diz o rei. manda quem pode.

ANNUNCIOS.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Hoje corre a ultima praça, pelo juizo da 1.ª vara, um terreno com seis braças de frente e vinte cinco de fundo, sito a rua Nova do Queimado, junto a casa do Sr. Valentim, freguezia de Santo Antonio, pertencente aos herdeiros do fallecido José Ricardo de Santa Anna, no qual terreno ja se acham levantadas tres frentes com algumas divisões para tres propriedades, avaliado por 1:200 \$ rs.

Atenção.

A galera *Garibaldina* sahida ultimamente da querena, acha-se em estado de fazer viagem e prompta a receber carga de qualquer qualidade, com especialidade fumo em rolo. Tambem recebe passageiros para a ilha de *Maricota*, por ter de levar a esse porto o carregamento de um velleiro patacho que se acha com agua aberta. Para tratar no becco da Taboa grande n.º 9, 2.º andar.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª

SABBADO 21 DE MAIO.

N. 647.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 3\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
20 de maio de 1870.

Não houve expediente.

—Quando eu digo que essa beatice que affectam as irmans de charidade, é um calculo estudado, muita gente duvida.

—Quem tem seus olhos bem vê; quem se engana é por que quer.

—Veja como zelam ellas o culto divino.

O cavallo do Dr. Bomfim vae pastar todas as tardes no quintal do hospital.

—Elle é da casa; é o escrivão da mesa.

—O quadrupede, depois de pastar a verde gramma, entra pela capella que sempre está aberta e lá se deixa ficar.

—Um logar sagrado feito estribaria!... Que profanação!

—Um dia destes o capellão indo encomendar o cadaver de um ebristão, esbarrou com o animal ao pé do altar!

—Menos-preço; impiedade para com a casa de Deus!

—Não está provado que as irmans de charidade, a cargo das quaes está toda administração do hospital, consideram que adorar e reverenciar a Jesus Christo, ser verdadeiro catholico, consiste em andar pelas ruas de cabeça baixa e braços crusados; que o culto divino para ellas cifra-se em que todo o mundo as veja com um grosso roزاری cahido pelas pernas, que no particular pouco lhes importa que o tabernaculo destinado ao Cordeiro Immaculada accommode tambem as bestas?

—O que está mais que provado é que toda a santidade que ellas inculcam; esse alarde que fazem de amor do proximo e observancia dos preceitos religiosos é um meio de giro como qualquer outro; é o — *lucri bonus odor de re qualibet.*

—Os estudantes da faculdade de medicina do Rio de Janeiro fundaram uma associação emancipadora de crianças.

—Os sexto-annistas da mesma faculdade resolveram forrar crianças com a importancia que era destinada ao luxo superfluo do dia da formatura.

—Consta que alguns dos sexto-annistas da nossa faculdade pretendem propôr para o mesmo fim a importancia de cada um destinada para aluguel de carro no dia da collação do grau.

—Esta acção, sendo realisada, honra muito aos filhos de Cós, que, desprezando a pompa luxuosa, se engrandecem aos olhos da sociedade, dando mais uma prova de abnegação que tantos medicos tem dado pelo amor da liberdade e pela vida dos povos.

—Dar liberdade aos innocentes é recomendar-se aos olhos de Deus e da posteridade.

—Respondeu jury na quinta-feira o Sr. Francellino Ramos, por causa da questão do saveirista.

Foi advogado da accusação o Dr. Augusto França, o qual pediu para o accusado o maximo das penas do art. 205 do codigo criminal.

—Quem defendeu?

—O Dr. Fernandes da Cunha, em um bem e elaborado discurso de direito.

—Uma das testemunhas da accusação, disse que sabendo o Sr. Ramos que elle ia jurar, fez com que ella testemunha fosse processada por crime de injuria, pelo que levou um mez na cadeia, e concluindo disse que o *ponderoso braço do ouro, pesa sempre sobre o pobre.*

—Conclua logo; o reu foi absolvido?

—Não; foi condemnado a um mez de prisão e multa correspondente.

A sessão do jury acabou as 3 horas e cruel drugada do dia sexta-feira.

—Safa! Veja o resultado de *fora para* fazer os sen-

—Quando o gato não está *de Vs. Exs. e* fazem das suas.

—Não me falle por meta *administração*

—Dizem que o Sr. *do prisão com trabalho* melhor é dirigir-me

ção de Vs. Exs. para a sorto d'esses infeli-

o que dá motivo a que os empregados tenham tempo para andar pela cidade raptando moças.

—Então diga—atrás da vela grande ferra-se o traquete.

—Um empregado da casa dos presos, homem casado, raptou ha dias, uma menina de 14 annos. no Campo da Polvora.

—Bravo dizer! E' dos taes que não se farta com uma.

—Consta que veio de Sergipe recommen-
dado ao chefe de policia, hospedou-se em sua casa e foi empregado por S. Ex.

—Então não ha novidade; ha de se fazer justiça.

—Espírito de charidade.

—Veja que não seja infectado.

—Entrou na quarta-feira as 4 horas da tarde, para a enfermaria dos doentes de febre amarella, um inglez em estado gravissimo; no outro dia as 9 horas ainda não tinha recebido o menor soccorro, tendo ja apparecido os vomitos negros.

—Este e outros factos dão a prova evidente do desvelo com que as filhas de S. Vicente de Paula desempenham a sublime missão de charidade e amor de seus semelhantes e a maneira por que é regido aquelle estabellecimento entregue a direcção de tão puras creaturas.

—O conde d'Eu mudou de nome.

—Quer vender seu peixe podre?

—V. é um homem incredulo!

—E V. um almanak de pêtas.

—Leia este cartão, com o retrato do principe, que andam vendendo pela cidade baixa.

—Deixe ver.

«D. PHILIPPE,
conde d'Eu.»

—Si não ha dous condes d'Eu, um chamado Gastão e outro Philippe, é verdade o que eu digo.

—Foi engano, talvez da lythographia.

—Com enganões não me convence.

Parece mais uma graça pesada; pôr a cara de um e o nome de outro e mandar expor á venda.

—Deixe lá; não é pelo nome empastellado que o conde d'Eu deixará de ser conde d'Eu.

—Emfim, como dizem que é na loja do Catilina, monarchista até os cabellos, que se vendem os taes retratos ambiguos, não tomo o equivoco como alguma pilheria que quizessem fazer.

—Chegou o Granada.

—O que me diz? Ainda tira diabos?

—Foi feiticheiro e voltou charlatão.

—Adiantou alguma cousa.

—Chegou apregoando-se de doutor e so falla castelhano.

—Formar-se-hia em Jaguaripe?

—Trouxe um papelorio onde se inculca de medico, condecorado não sei com que medalha de honra do Estado Oriental e capitão daquella republica.

—Então não é mais brasileiro?

—Naturalisou-se cidadão oriental.

Por tavernas, botequins e cantos de rua anda mostrando uma folha de papel coberta de sellos e fitas, que diz ser a carta de doutor, conferida, pelo instituto homeopatha do Rio de Janeiro.

—Si fosse o burro patha era melhor.

—De experto é que anda mostrando; a turba ignara é facil e credula.

—Então decididamente temos mais um industrioso a especular com o povo?

—Si a policia não tiver contas com elle.

V. Ex. sabe que Granada tanto tem de embusteiro como de audacioso.

—O trabalho é a sanctificação da vida.

—Foi o signal de rehabilitação na queda do primeiro homem.

—Hoje o trabalho é o symbolo da dignidade do homem; não é mais o scello da culpa, como na antiguidade biblica; não é o signal da escravidão, como na idade media; nem o tributo dos pariás, como concebeu Aristoteles.

—No dia em que o homem descobriu a alavanca, o parafuso, a força d'agua, foram outras tantas fadigas de que alliviou seus hombros, sobrecarregando-as na natureza.

—O hymno do trabalho eleva-se por toda a parte, e as estrophes perpetuam-se aos estrepitos das grandes descobertas.

—São as machinas que vão conseguindo pouco a pouco esta realeza do homem sobre o universo,

—Pelas machinas ganha o homem tempo á custa da força.

—Entre as muitas artes as quaes as machinas tem sido poderoso elemento de perfeição, estão a pintura e o desenho; as feições caracteriscas do individuo reproduzem-se hoje com maravilhosa presteza e exactidão por meio da photographia.

—Ja que fallamos em photographia, esse admiravel progresso da humanidade, devemos citar o estabellecimento nacional de Reis & C., nesta cidade como um dos mais completos neste genero.

—E' verdade, o até seus proprietarios, segundo dizem, diminuíram o preço do seu trabalho.

—Razão, que os faz credores da concorrência publica.

A PEDIDO

- Capitão?
- Que desejás?
- Que me ouça.
- Podes fallar.

—Começo já. Hontem passando pela *tripeça bahiana*, ás 5 horas da tarde, apanhei algumas palavras que entre si trocavam dois sujeitos.

—Provavelmente teus conhecidos?

—Um o é perfeitamente; o outro pelo traje e maneiras julguei ser algum marítimo e como de facto não me enganei, como verá pelo que passo a relatar-lhe.

—Sempre foste muito esperto, meu commendador.

—Não tenho tanto de besta como me classificam. Peço-lhe pois, que não me interrompa, afim de não lhe massar prolongando a historia.

Cabia a vez de fallar ao meu conhecido, que, dirigindo-se ao outro, perguntou-lhe: «Valente, não me dirás quem é o encarniçado inimigo que fere com amiudados pasquins a direcção do gabinete lusitano de leitura?»

«Sr. Augusto, si me perguntasse a manobra do navio, os nomes que se dão a todas as suas pertencas, poderia obter deste seu parente as necessarias explicações; porem fallando-me sobre gabinete, politica, eleições, etc., etc., tenho somente a responder-lhe que disso nada pesco. Comtudo, para não deixar-lhe descontente, julgo pelo meu muito fraco entender que essas mofinas não podem ser obra sinão de algum apaixonado que fosse talvez taboquado e queira se desabafar de baixo do anonymo, invectivando a outros aquillo que só a si cabe.»

Dizendo isto, o marujo retirou-se.

—Admiro muito por ser o adulaõ de casa.

—O tal meu conhecido fez um gesto colerico, tornou se rubro e seguiu o seu amigo.

—E o que conclues d'ahi, meu commendador?

—Nem mais nem menos que o seguinte: digo que aquelle que se acoberta com a capa do anonymo para infamemente ferir pessoas que lhe são em tudo superiores, não pode ser sinão algum despeitado, que fosse talvez taboquado nessa eleição; isto é, a opinião do marinheiro Valente, unicamente accrescenta ser author desses pasquins o seu amigo tão *augusto*.

—Si é verdadeiro o que suppões, eu o previno que não se arrisque a ponto de se lhe pôr a calva á mostra.

—Não pagar o suor a quem trabalha, é peccado que brada ao ceu.

—Assim estabelece a egreja nossa mãe.

—Muito mais grave deve ser a culpa daquelle que usurpa a propriedade alheia.

—Esse commette um latrocínio execravel.

—Um certo figurão *encommendado*, um marralheiro que não tem licença de andar na rua sinão em cadeira, por causa dos meirinhos que lhe andam no encaço, tomou fiado em uma venda uma garrafa de cerveja, duas pennas, uma caneta, uma libra de manteiga ingleza, com proposito de não pagar e de facto não pagou. O taverneiro desesperou de mandar procurar a diminuta importancia; vendo seus esforços baldados, escreven um bilhete ao alto personagem, fazendo lhe sentir a demora e que nem ao menos recebia uma resposta. O homem entendeu que era offensa cada um procurar o que é seu, e mandou por dous escravos ameaçar o vendelhão.

—Por uma ninharia!

—2\$680 rs. é o importe.

—Passa de miseria. No caso do vendelhão dava por perdido.

—Perdido está, que o sujeito faz destas *armações* e depois não sei o *couto* onde se mette que ninguem lhe vê a mascara.

—Capitão, o Sr. conde d'Eu encontrando no Paraguay alguns infelizes, sobre quem pesava o jugo aviltante do captiveiro, dirigiu-se ao governo provisorio daquelle republica do seguinte modo:

«Illms. e Exms. Srs.—Em varios pontos do territorio d'esta republica, que tenho percorrido á frente das forças brasileiras em operação contra o dictador Lopez, por vezes tenho encontrado individuos que se dizem escravos de outros, e quantidade d'elles tem se dirigido a mim, pedindo-me que lhes conceda a liberdade, e que lhes dê verdadeiro motivo de se associarem a alegria que sente a nação paraguaya vendo-se livre do cruel governo que a opprimia.

«Conceder-lhes o que queriam fôra para mim uma grata occasião de satisfazer os sentimentos de meu coração, si o pudesse; mas ao governo provisorio, á cargo de Vs. Exs. e felizmente já constituido, compete decidir todas as questões relativas á administração civil do paiz.

«O que posso fazer de melhor é dirigir-mo a Vs. Exs., como o faço, chamando a attenção de Vs. Exs. para a sorte d'essos infeli-

zes no momento em que todo o Paraguay tanto se occupa da emancipação; si Vs. Exs. lhes concederem a liberdade que elles pedem, rompem solemnemente com uma instituição que infelizmente foi legada a alguns povos da livre America por seculos de despotismo e de deploravel ignorancia.

«Tomando essa resolução, que pouco influirá sobre a producção e recursos materiaes do paiz, Vs. Exs. inaugurarão dignamente um governo destinado a reparar todos os males causados por uma longa tyrannia, e a conduzir a nação paraguaya na senda d'essa civilisação que arrasta os outros povos do mundo.

«Deus guarde a Vs. Exs.—*Gastão d'Orleans.*»

—Como respondeu o governo provisorio do Paraguay a esse appello?

—Baixando no dia 2 de outubro um decreto em quatro artigos, ordenando a abolição immediata e completa da escravidão em todo o territorio da republica.

—Que contraste!

O governo do Paraguay solícito accede ao nobre e humano empenho do Sr. conde d'Eu; no Brasil, seu imperial sogro, tido por um dos mais philantropicos monarchas do mundo, bane da falla do throno a questão da emancipação servil!

—O tenente Theotónio do 4.º batalhão da guarda nacional, recebeu ordem do seu commandante para aquartellar com o 8.º

Cumpridor das ordens superiores, como é elle, foi ao quartel da Palma, onde se acha o 8.º aquartelado, afim de entender-se com o barão de Passé; mas que infelizmente não o encontrou.

Neste caso o que fazer?

Dirigiu-se ao major do corpo e expoz-lhe que se achava com sua senhora doente e por isso não podia aquartellar.

O major então pediu-lhe que fosse tomar conta do destacamento do forte de S. Pedro, que o mandaria mudar no dia immediato, visto como elle apresentava uma razão poderosa.

No dia immediato porem até o meio dia esperou o tenente pela muda e nada de apparecer.

Ora, tendo o major se comprometido mandar mudal-o, e vendo elle que não apparecia a muda, següdo a promessa do major, pediu licença ao major commandante da fortaleza para vir até o quartel da Palma, fazendo-lhe ver de que se elle não voltasse tinha desaquartelado.

Ainda foi infeliz, porque teve de se entender de novo com o major, o qual disse-lhe

que estava dispensado do aquartelamento e podia ir cuidar de sua senhora.

O tenente Theotónio, escrupuloso, quiz ir ao general commandante superior, expor-lhe as razões que o obrigava a não aquartellar; mas o major disse-lhe que não precisavx, pois elle mesmo exporia ao general o facto.

Neste accordo pois veio o tenente Theotónio para o seio de sua familia.

Na quarta-feira, recebeu elle ordem do general de recolher-se preso por vinte e quatro horas!

Isto o surpreendeu!

Recolheu-se a prisão, e quando completou-se o tempo, dirigiu-se ao general para saber o motivo de sua prisão.

O general então apresentou-lhe um officio do barão, commandante do 8.º no qual dizia que elle havia desamparado o destacamento do forte de S. Pedro, e que em vista d'esse officio era que elle o tinha mandado recolher-se!

O tenente expoz então ao general o que havia-se passado entre elle o major, provando assim ter sido victima de uma cilada!

—Esta é uma de *cachupeleta!*

—Foi uma armadilha bem arranjada?

Soneto.

Menina, sois amavel como um gato,
Que, na verdade, é mui lindo bichano;
Porem com fero peito, deshumano
Um amante offendeis jamais ingrato:
Daes ao bicho a lambar o vosso prato,
A' meza o quereis ver, si não me engano;
Eu desejo um agrado, um riso humano,
E nem isso me daes, que é tão barato!

O gato vos faz mil ternas festinhas;
Adoro-vos... mas vejo que escutaes
As finezas do gato e não as minhas.

Sou o mais desditoso entre os mortaes,
Porque tenho um rival, que come espinhas,
E valem seus *miáus* mais que os meus ais.

José Ignacio de Araujo.

ANNUNCIOS.

Precisa-se fallar com o Sr. Francisco Joaquim Pereira da Costa, na loja á rua Direita do Collegio n. 33 —A.

Junto á loja do Sr. major Benjamim, á rua Direita da Misericordia, defronte do Forum, casa n. 21, encontrar-se-ha, das 9 horas da manhan ás 2 da tarde, um moço habilitado a fazer qualquer escripta do advogado, ou cartorio.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.^a

TERÇA-FEIRA 24 DE MAIO.

Ns. 648 -- 649.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
23 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, comunicando-lhe que as moradoras, da casa n.º 9 A á rua da Misericordia, procedem mal no que toca á moralidade e socego. A' noite essas *resolutas* primam em scenas de depravação e algazarra, o que não pode continuar no centro de familias; pelo que pede-se a S. S. se digne chamal-as á ordem.

—Porque motivo a policia espanca a este estrangeiro?

--E' um gauderio; entrou na pasteleria da rua da Valla, pediu o que havia de melhor, comeu e não pagou; andou aos rôlos com o caixeiro; a policia acudiu e prendeu-o; agora relucta e não quer seguir da Baixa dos Sapateiros para a Correção.

—Provavelmente este sujeito é o mesmo que uma noite destas fez graça igual no Terreiro.

--Creio que sim.

—Pelos olhos se conhece quem tem lombrias; o homem pelo traje denuncia os apuros da algibeira; si lhe franqueam o que pede é porque querem.

—O caixeiro declarou que sabia que elle não tinha dinheiro; mas que deu-lhe a comida de proposito para espancal-o.

—Não lhe louvo o gosto; perder o dinheiro de seu amo e arriscar-se a uma infinidade de peripecias.

—Mas para o tal estrangeiro este mundo deve ser um paraizo; na sua vida bocagiana, depois de encher a barriga sem ter dinheiro, dão-lhe sempre casa de graça para passar a noite.

—A camara é cega e surda!

Cega porque vê as cousas e faz que não vê.....

—O peor cego é aquelle que não quer ver.

—..... surda, porque não quer ouvir os reclamos da imprensa.

Ha dias, o commando deste navio expediu-lhe um officio, pedindo que mandasse concertar um buraco na rua da Ordem Terceira de S. Francisco e ella nem se abalou.

—E já nm pobre cego, um destes dias, ia quebrando uma perna, si uma alma charidosa e bem formada não o salvasse do precipicio.

—Pois ahi está como são as cousas de minha terra! Que importa á camara que um cego quebre ou não a perna?

—Fique certo que emquanto não acontecer alguma desgraça, a camara não manda tapar o buraco.

—Disso sei eu.

—Aprecie mais este pedacinho sabido da portentosa cachola do Sr. Manuel Bento de Lima, homem encyclopedico no Matto-Grosso:

«Manoel Bento de Lima, Cirurgião Alferes da Sessão de Batalhão n. 1º da Guarda Nacional, Membro e Delegado das Companhias interNacional Forence do Rio de Janeiro, Presidente da Camara Juiz Municipal e Juiz de Paz deste districto, e Agente do correio

«Faço saber atodos os habitantes desta Cidade e seu districto, que de hora emdiante fica prohibido o batuque; as outras funções, como tambaques, cururúz Sapateados, os mascarados, contradanças derua e casas publicas eoutros espetaculos desta natureza, serão permetidos com Licença do Juiz de Paz pago as taxas e multas estabellecidas pelo titulo treis, 3º das Posturas, e disposições da Lei do Orçamento Municipal.

«Epara que chegue anoticia de todos, mandei lavrei eaffixei opresente Edital que será fixado nolugar do costume. Mato Grosso 12 de Janeiro de 1870.

«Eu Julião Francisco da Cunha, Escrivão interino do Juiz de Paz que o Escrevi.»

Manuel Bento de Lima.

● francezismo entre nós.

Parece incrivel, mais é verdade.

Os productos nacionaes desprestegiam-se

de dia para dia á falta de concorrência pelo desprezo com que nós mesmos os tratamos, dando preferéncia a quanta buxinganga nos vem do França.

Desde o chapéu a *Bernotón* que as senhoras usam, até as seringas com que tomamos *clysteres*; desde as calças á *Rocambole* até os colarinhos de papel, classica porcaria, usada durante o inverno, na França, e imitada por nós ao rigor do verão, tudo vem encaixotado, paga direitos fabulosos, e o povo bate palmas e compra por um preço exagerado aquillo que lhe custaria a terça parte si fosse manufacturado no Brazil; porém que ninguem se lembraria de usar desde que fosse producto nacional.

Ultima moda de Pariz!

No mez de junho, por exemplo, estação invernosá aqui, porém verão rigoroso lá, usamos nós, para imital-os, e mais do que nós as senhoras, as roupas mais leves e frescas possiveis, taes como as alpacas finas, as casacas e os vestidos decotados.

Mas o mez de janeiro se aproxima; o inverno começa a embranquecer de neve os montes da terra de Napoleão; os pannos pilotos começam a ter extracção, os homens usam gibões curtos e abotoados, as senhoras usam *bornous* e capas de cachemira solidamente acolchoadas.

Ultima moda de Pariz.

Usemol-a nós também, embora estejamos na força do calor, embora suemos por quantos poros temos!

As padarias, as lojas de cabellereiro, as tendas de alfaite e tudo que tem o titulo de *francezas* tem sempre preferéncia.

Mande qualquer açougueiro pintar um boi por qualquer borrador e por cima d'elle colloque o pomposo titulo de—*charcuterie française* na frente do açougue e conte de certo que por mais lazeira que seja a carne, ha de ser sempre mais procurado que os outros.

Até quando queremos nós possuir o titulo de macacos?

Falta-nos um Nicolau Tóentino, um Borage, um Laurindo, para satyrisar este povo que não sabendo dar importancia ao que é seu, abraça a tudo quanto traz o espirito de novidade, porém da especulação.

—Hontem ao meio dia para 1 hora da tarde, as egrejas deram signal de incendio, na freguezia de S. Pedro.

O incendio foi na rua da Lama, no sobrado n. 9, e se manifestou no sótão, por se comunicar com este o bociro do fogão que se acha sujo.

—E tomou grandes proporções?

—Não; foi de prompto abafado pelos moradores da circumvisinhaça.

Quando chegou o piquete, o chefe de policia e o delegado, já elle estava extincto.

—E as bombas?

—Não appareceu nenhuma e nem foram precisas.

—Valha-nos isso.

—No sabbado á noite, um individuo de nome Firmo, que ha tempos deu uma facada em um rapaz, no Cruzeiro de S. Francisco, e que hoje inculca-se de sargento reformado de artilheria, unido a outros do mesmo jaz, deu um *beneficio* em casa de umas mulheres, na ladeira da Gameleira, o qual beneficio constou em ficarem as miseras sem terem o que vestir, por haver elle e seus cúmplices lhes posto a roupa em pedaços.

—Bem; vou recomendar esse heroe ao Sr. Dr. Cicero d'Assis.

A PEDIDO

(Continuação dos ns. 638—639.)

—Capitão, antes tarde do que nunca.

São passados muitos dias em que principi a contar-lhe a minha historia. Si hoje V. Ex. dispõe de algum tempo, peço licença para concluil-a.

—Sim, Sr., com muito gosto ouvirei o resto.

—Chegados os dois esposos a Cachoeira, o marido preso para voluntario da patria e a esposa desvellada que seguia-lhe o destino, representaram seus direitos.

Em vão a dedicada mulher se foi lançar aos pés de quem podia soltal-o, mostrando-lhe os dois filhinhos que ficavam sem amparo.

A resposta que obtinha é que a patria precisava de quem a defendesse.

—A patria!... Pungente ironia é essa com que se lembram na hora do perigo que a patria também pertence ao pequeno.

—Da Cachoeira, seguiu o homem para a capital acompanhando-o a fiel esposa.

Esforços baldados foram suas supplicas, seus rogos, suas lagrimas, para conseguir a soltura d'aquelle a quem se ligara para sempre.

Com vezes foi ás portas de palacio, onde as mais dellas lho ora vedada a entrada e quando, vencendo mil obstaculos, conseguia chegar até aquelle que lho devia fazer justiça, voltava cheia de dissimuladas promessas sem que nunca visse realisadas suas esperanças.

Nesse passa-tempo, com que foram empandeando, chegou o dia do embarque e o ho-

mem casado com dous filhos, marchou forçado para a guerra, levando no braço o distintivo do voluntario da patria.

Esposa devotada, amiga extremosa, sua mulher não o abandonou. Preferiu segui-lo no infortunio a ficar entregue aos horrores da miseria, e no outro dia ser arrastada a vender a honra para alimentar os filhinhos desamparados.

Si na sua provincia não pode obter a reparação de seu direito extorquido, quanto mais no borburinho da corte, onde tudo é movido a dinheiro ou empenhos.

Depois de ser accommettida de bexigas teve de acompanhar seu marido da corte para a campanha.

No mar, morreu-lhe nos braços um dos filhinhos, e ella viu, com o coração partido de dôr, seu corpo ser atirado as ondas.

Chegados a Montevideu foi atacada de grave enfermidade, e atirada em um hospital.

Prolongando-se a molestia até a occasião da marcha do batalhão, seguiu este seu destino. A infeliz mulher do soldado ficou abandonada no hospital, sem recommendação, em uma terra estranha, em que não sabia caminho nem carreira e onde nem o dialecto do paiz comprehendia.

Narrar todos os transe que mais amargurados tornaram os dias dessa desventurada esposa, é impossivel.

Até ali elles tinham compartilhado juntos os revezes da desgraça.

Agora via-se só, isolada, sem amparo!

Depois de muito penar, achou uma alma compassiva que a transportou para o Brasil.

Na corte, peregrinou seis mezes, primeiro que por charidade a transportassem para sua provincia natal.

Aportando a ella, retirou-se para a povoação de seu nascimento, onde deu se ao trabalho da lavoura, para manter-se e a seu filho.

Na esperança de ver voltar seu esposo, ella com a enchada na mão, vivia do suor de seu rosto, para que elle no regresso encontrasse intacto o thalamo nupcial.

Veio porem a calamitosa secca com suas desastrosas consequencias. A terra negou-se a produzir as sementes depositadas em seu seio, as plantações murcharam e a desolada mãe viu-se arremessada as garras de atterradora penuria.

Encaminhou-se a capital para ver se alcançava do governo uma esmola, em vista do seu estado; trouxe attestado do vigario e da authoridade policial em como era casada; mas aqui exigiram-lhe reconhecimento do firma e uma alluvião de documentos.

—Ora, uma pobre mulher que Deus sabe quanto lhe custou chegar até aqui, volte outra vez e vá reconhecer firmas!

—E a apresentar documentos que só no quartel general da corte podia encontrar.

Exigiram-lhe essas formalidades; mas ella nunca pode ver a cara do presidente, porque sempre lhe diziam que não estava.

Foi ao arcebispo pedir uma esmola, e tambem lhe disseram que estava fora; até que desesperada retirou-se maldizendo de sua sorte.

—Tristonho quadro de miserias!

—Capitão, vim lhe contar esta historia commovido de ver a pobre mulher banhada em lagrimas narrar os azares de sua sorte.

—Pobre mulher! Arrancaram-lhe o marido, em nome da patria ultrajada; para socorrer a esposa do filhe que a defende, a patria se torna em madrastra!

—Porque é que todas as vendas da *alta dos homens que cosem sola*, fecham-se ás 9 horas, menos uma ao entrar da rua *florida*?

—Tem licença do subdelegado.

—Não é possivel; o subdelegado não pode infringir as leis municipaes, quando elle é o primeiro obrigado a fazel-as executar.

—Por isso não; a lei é a vontade de quem governa.

—Mas nesse caso não está quem é escrupuloso no cumprimento de seus deveres.

—E de mais, as eleições estão na porta; e muita gente quer ser eleitor.

—Ah, então estou calado; tempo de eleição é quando se concede muita cousa.

—Capitão, sicario não é só aquelle que lança mão do mortifero fuzil ou hervado punhal, rasga as entranhas de seu semelhante e rouba-lhe a vida.

—Cem vezes mais malvado é aquelle que, sacia a ferocidade de seu coração por meio de cruciantes torturas, e vê a sangue-frio, a victima de seu canibalismo extinguir-se lentamente.

—Assassino é tambem o homem que, destituido de humanidade, inflinge como meio de correccão, os tratos mortificantes, os castigos agonisantes, os quaes si não trazem uma morte immediata, produzem o desarranjo mental, a desorganisação do organismo e uma morte lenta e cheia de soffrimentos.

—E tambem aquelles que inventam crueldades, que revivem os tempos inquisitoriaes.

—E mais detestavel deve ser o aggressor, si a victima de sua barbaridade é fragil e indefesa.

—E' um ente execravel; uma besta-fera.

—E muitas vezes para crimes tão revoltantes, que envergõham a natureza, a acção da justiça é nulla pelas causas de que se revestem, e servem apenas para attestar a perversidade de seus authores.

—Tambem isso é exacto. Assim como muitas vezes factos criminosos tem logar pela brutalidade ou ignorancia de quem os pratica.

—Como estamos nesta conversa, quero lhe contar um facto desses, que ouvi ha dias.

Houve em outras eras nesta cidade, um mestre de obras, que recebia discipulos para ensinar.

Tinha uns vinte a trinta meninos, e quando commettiam qualquer falta, o castigo que lhes dava, era mettel-os em um tunel cheio d'agua, de sorte que o delinquente ficasse embebido até o pescoço, por algumas horas; outras vezes atava os por debaixo dos braços e suspendia-os a uma extraordinaria altura, deixando-os em tão martyrisante posição por uma hora ou mais, conforme entendia; outras, mettia-os em um sacco de aninhagem comprimindo-lhes os membros e privando-os de todo movimento.

—Isso era um carrasco da humanidade, um algoz que se regosijava em forjar tormentos.

—Um homem do commercio, muito amigo de crear pintos, entregou-lhe um molequinho de nove annos para aprender o officio de rebocar paredes. Disse-me quem contou o caso que chamava-se até Guilherme.

O homem ignorava o genio de tigre do mestre tanto que o protegia com empenho, arranjando-lhe obras, e dando a seu respeito lisonjeiras informações.

O molequinho foi destinado pelo mestre a ir trabalhar em uma quinta que fica na demarcação da cidade dos mortos. Para la ia de manhan; ás 11 horas vinha a cidade buscar o almoço do contra mestre, voltava e de tarde regressava para casa do senhor, dando assim quatro longas viagens no dia.

—Era estafar uma criança.

—Mas tudo fosse isso.

Um dia, o contra-mestre queixou-se de uma leve culpa do discipulo, uma falta de presteza em executar certo mandado.

A hyena esperou que dêsse meio dia e mandou o molequinho pôr-se ao rigor do sol com uma perna firme e a outra elevada sobre uma enorme pedra; deu lhe um pau e ordenou-lhe que olhasse fixamente para o sol fazendo pontaria para o mesmo.

De relógio aberto e pèa na mão, obrigou o infeliz a permanecer naquella dolorosa posição por espaço de uma hora!

Quando o desgraçado, não podendo suportar os raios ardentes do astro abrasador,

abaixava a vista era flagellado com uma tacaçada.

—Que fereza!

—Quer ouvir quaes foram as consequencias?

—E' para isso que lhe estou escutando.

—Quando a victima acabou do supplicio, estava como que hallucinada; cahiu desacordada e foi para casa conduzido pelos companheiros. No fim de seis dias succumbia a uma perniciososa maligna, resultado da atroz barbaridade do mestre. O senhor ignorou por mais de um mez a causa da morte de seu escravo.

—Eis um dos casos em que a justiça é impotente para punir.

Como provar a criminalidade, si os que podiam depôr, eram todos dependentes do culpado?

—Justamente.

—O nome desse inventor de crueldades deve ao menos ficar registrado. Sabe-o?

—Não, capitão. Quem contou-me esse episodio de horrores foi o Manuel que quando faz frio anda montado n'uma besta, mas não disse o nome. Tambem como já é caso passado, não fiz força de saber.

—Sempre era bom saber-se para ser incluído mais este no rol dos verdugos da humanidade.

Acrostico

O. D. C.

A NAÇÃO BRASILEIRA.

Ma no Sul, onde a Pátria ultrajada,
Os seus filhos por Milla depoz,
Pensou pois os levar Me vencida
Esse povo tão bruto attivo,
Submisso a Solano, o—o algoz.

Mas da fera que ás vezes rugia,
M seu grito tão forte se ouvia
Metumbar junto a nossa Nação;
Mancorosos soldados Correram,
Messes bravos as feras venceram,
O tyranno pendeu sobre o chão!...

Por M. Pinto Neves.

No dia 4 do corrente entrou, no quartel da Palma, o Sr. tenente do 4.º batalhão Theotônio José de Sant'Anna para aquartelar com o 8.º batalhão, comprimintou-me, e disse nestes termos (um pouco furiozo): Sr. major, tive ordem do commando superior para aquartelar, e não sei qual o motivo porque se me manda aquartelar sem que eu fosse consultado, e é preciso saber si eu queria aquartelar com o 8.º batalhão. Respondi que isso não era commigo; que tivesse paciencia, e que tinha um serviço para fazer que era ir

tomar conta do destacamento do forte de S. Pedro. Dizendo o Sr. tenente Theotonio que sua mulher estava doente, eu disse-lhe que fosse receber os voluntarios e que no dia seguinte o mandaria mudar.

O tenente quartel-mestre que estava um pouco distante, porem, ouvindo alguma coisa, chamou-o e disse-lhe: Collega, a razão de V. aquartelar é a seguinte: querendo o meu commandante alguns officiaes para ajudar os nossos no serviço, pediu me que lhe indicasse alguns; eu indo ao commando superior ver a lista dos officiaes, disse-me o Marquez Porto: V. tem um official bom e moralisado que é o tenente Theotonio, (e que ja me pediu para aquartelar). A' essas palavras o Sr. tenente Theotonio retirou-se para o forte de S. Pedro, no dia seguinte as 10 horas (e não ao meio dia como disse o mesmo tenente) appareceu no Quartel da Palma dizendo que tinha pedido licença ao commandante da fortaleza para vir a minha presença e dizendo que não podia continuar, ao que eu disse-lhe que podia retirar-se, que eu ia ou mandava ao commando superior dar sciencia do que havia occorrido.

O Sr. tenente Theotonio tanto abandonou o destacamento que não só eu o vi nesse mesmo dia a noite as 10 horas descer as portas do Carmo (e dizem o sargento e guardas do destacamento que elle, depois que entraram os voluntarios, sabiu do quartel e foi dormir em sua casa,) como tambem o capitão superior do dia o viu as 10 horas da noite no Pelourinho.

E' esse o cumpridor de ordens?!!

O major do 8.º batalhão.

● testamento de Lopez.

Foi encontrado na farda de Lopez um importante documento, com o nome de testamento.

Como é interessante, citamos algumas deixas do monstro.

«Odio implacavel á geração humana e desprezo á liberdade.

«Lego a D. Urquiza minha maldição, por não ter querido ajudar-me na infernal perseguição contra o Brazil.

«Aconselho aos governos inglez e americano do norte, para que enviem, como seus representantes, homens menos interesseiros e mais amantes da razão e do dever.

«Ao general Mac-Mahon 500 dollars em paga do ridiculo papel que desempenhou como meu assalariado junto do governo do Brazil.

«A Thompson, defensor de Angustura, meu desprezo e escarneo á sua valentia, pela ren-

dição da praça que commandou, sem bater-se.

«A' minha amasia, madame Lynch, todas as torturas e soffrimentos que fiz inflingir ás minhas victimas, muitas por culpa sua.

«O papel ridiculo e o opprobrio de minha morte, devo aos conselhos de Mac-Mahon e por isso reservo-lhe um logar nas fornalhas do inferno para sua pessoa.

«Deixo aos commandantes das canhoneiras italiana, franceza e ingleza partes que lhes fiquei restando das vendas de polvora, balas, fardamento e mais munições, que á pretexto de subditos, rompiam o bloqueio e me forneciam.

«O meu *chapeu armado* ao Sr. visconde de Tamandaré, como recompensa ao grande serviço que prestou-me, quando as minhas forças estavam na margem correntina, deixando-as passar livremente para o Passo da Patria.

«Minhas esporas ao general Andrea pelo augmento de uma peça de calibre 32 no meu parque de artilharia, que o Sr. general teve a bondade de consentir que, nas suas barbas, a minha gente tirasse á sangue-frio o bonito canhão raiado, e que, graças ao socego de suas linhas, poderam os meus soldados e os bois, que trabalhavam no desempenho da commissão, sair incolumes.

«Ao general Mitre devolvo-lhe o rebenque que comigo trocou, para que se lembre que, por sua causa, ganhei muitos dias para fortificar-me em Curupaity; e que a derrota que tiveram os alliados em 22 de setembro, quando atacaram os meus entricheiramentos, foi devida a S. Ex.; agradeço-lhe tambem o ter evitado a perseguição em 24 de maio, depois do descalabro que soffri e do completo desbarato de minha força.

«Ao general Polydoro, o meu *oculo de alcance*, afim de que outra vez seja mais cordato, e não sacrifique os interesses de sua nação, por inimizades politicas. Peço a S. Ex. que o guarde como de lembrança a recusa que fez ao conde de Porto-Alegre, quando pediu-lhe forças para atacar Curupaity, logo depois da tomada de Cruzú, o que bastante concorreu para a precipitada retirada que fizeram.

«As minhas botas, ao general duque de Caxias, pelo muito ouro que espalhou no meu territorio, e ainda mais pelo acto de humanidade que praticou, fazendo retirar de *Lomas Valentinas* a força que devia cercar-me, favorecendo por esta forma a sahida do meu carro e meu estado-maior illesos. Graças a tão magnanimo general, vivi ainda alguns mezes n'um mar de sangue e no theatro horrivel de minha carnificina,

«Meu valor e sangue-frio ao barão da Pas-

sagem, por não ter querido amarrotar o encouraçado onde tinha o seu pavilhão, logo depois da passagem de Humaitá, de encontro aos meus dous vapores, que se achavam na sua *passagem*, deixando-os passar livremente e respirar o perfume da tranquillidade.

«Este official, recommendo ao Brazil que o aproveite e o condecure com a commenda de S. Bento de Aviz.

«A' Aguirre, ex-presidente da republica Oriental, uma reprehensão pela fraqueza e falta de confiança que depositou no meu poder; entregando a cidade de Montevideu aos brasileiros, sem a menor resistencia.

«Devia ter mais pertinacia e não occupar-se em queimar tratados e pisar bandeiras, imitando as crianças que se vingam nos brinquedos, quando não podem castigar os mestres. Seu dever era esperar, como havíamos combinado até a chegada da minha tropa ao Salto.

«Ao almirante Davis, todas as propriedades arruinadas, telheiros espatifados, e as torres da igreja destruida, pela immensa coadjvação que prestou-me, já transmittindome planos de ataque, ora noticiando as occurrencias dos exercitos alliados.

«E' necessario que saibam que pretendo, logo que chegar ás margens do Acheronte, dar dous abraços ao general Canabarro, pela passagem franca e occupação da cidade de Uruguayana por Estigarribia, fornecendo-lhe ainda gado e munições.

«Outro sim, que muito tenho rezado por alma do visconde de Inhauma, como o melhor christão desta epocha, pois durante o bloqueio em Humaitá, privou que se fizesse fogo para a igreja e santos da mesma. Penhorado por tanta devoção, estabeleci meus hospitaes no asylo de Deus, e ahí os conservei por muito tempo. Mais um Padre Nosso por sua alma.

«Ao general conde de Porto-Alegre meus agradecimentos pelo sustento que deu á minha tropa, quando ella o surpreendeu em 3 de novembro, no acampamento em Tuyutuy.

«Louvo o bom exercitado batalhão de artilharia, e bem assim a seu digno commandante: creia-me que, presentes destes, poucos o fazem, e so de almas generosas se devem esperar.

«Ao general Argollo, as enxadas, pás e picaretas que deixou, quando abriu a maldita estrada, que tão sabiamente cortou a retaguarda das minhas forças.

«Peço ao governo do Brazil para o Estigarribia uma padaria, onde elle possa fazer o pão que o diabo amassou, pela sua fra-

queza e cobardia do se render com 6,000 homens, sem dar um um só tiro.

«Ao governo de Buenos-Ayres, para conservar em completa abstinencia o hypocrita padre Duarte, pela humildadé com que se apresentou ao general Cabral.

«Ao general Cabral, consagro lhe minha firmeza, para tremer menos diante dos padres, ainda mesmo medrosos como o Duarte.

«A Napoleão III. nomeio-o cavalleiro da ordem do Merito, por ter posto embaraços na partida do encouraçado *Brasil* dos portos de França para o imperio.

«Ao imperador Pedro II, dous conselhos salutaes e proveitosos:—1. Que se lembre da fabula, quando os ratos queriam atar um guizo no pescoço do gato.—2. Ver para crer, como S. Thomé.

«A Portugal deixo uma espada para defender seus subditos e não acontecer o mesmo que lhe succedeu no Paraguay, deixando matar o seu consul.

«A Inglaterra, nada légo por ter jogado com pau de dous bicos, pois tanto vendeu para lá como para cá.

«Ao Brazil, as terras da republica para nellas construir depositos de guardar a grande quantidade de papel moeda que emittiu durante a guerra.

«Minha cabeça dedico ao diabo, pois ser humano algum quererá o craneo pesado pela maldade de meus crimes e perversidade dos meus actos.

«Lego finalmente o rancor das decepções á aquelles que miravam na prolongação da guerra um cavallo de batalha, para suas ambições de subirem.

«A' todos os commerciantes e fornecedores das tropas alliadas um grandiosissimo carão por não poderem mais continuar nos seus lucros!»

(Commercial do Rio Grande do Sul.)

● panorama social.

E' lastimavel, ridiculo e irrisorio o estado actual de desmoralisação e egoismo, que audaz e indevidamente impera, especialmente no pobre e infeliz Brazil!...

A cada passo se dão casos revoltantes e indignos do seculo XIX.

Tudo hoje é movido pela manivella da especulação, do interesse, do orgulho, finalmente, de tudo quanto a moral e o bom senso repudiam.

A virtude, a honra, a intelligencia e a probidade são tratadas com escarneo, com desdem e nepotismo; pois só no ouro se encerra toda a bondade e poder!

Si contemplamos o panorama social, nelle

vernos estampadas as scenas mais hediondas e tenebrosas e capazes de commover ao mais impedornido coração, traçadas pelas mãos do egoismo, do orgulho e corrupção, com as cores mais terriveis da palheta da deshumanidade!

N'elle vemos o potentado calcando aos pés a lei e o direito individual, metamorphoseando-os em dragões, para com garras estragadoras estrangular aos desvalidos que lhe são desaffectedos, servindo-se, para complemento de suas atrocidades, de authoridades venaes e inintelligentes, como instrumentos proprios, as quaes fascinadas muitas vezes pelo aureo brilho e pela desenvoltura de um character maleavel mui cynica, audaz e deshumanamente se prestam com toda a aptidão!

D'outro lado vemos a viuvez e a orphandade mendigando o pão dessa tão pequena e mesquinha charidade publica; ou, então, entregando-se a hedionda prostituição, para depois, não obstante as galas e europeis, a propria sociedade que as desfructa, lançar-lhes em recompensa o estigma da maldicção, do opprobrio e do sarcasmo!... até que, finalmente, a decrepitude ou a syphilis impossibilitem-nas dessa tão vil e peccaminosa tarefa; deixân-do-as inanimadas sobre os leitos purulentos dos hospitaes, causando asco áquelles que fruiram seus afagos vendidos. quanto bellas e desfructaveis!...

Entretanto a nobreza e a aristocracia, muita vez, encerrando em seu seio a volupia acobertada com as galas e embalsamada com os faustos da grandeza e magnificencia, a sociedade, em vez de lançar-lhes o estigma da maldicção, rende-lhes toda a homenagem, en-deosando-as...

Sem reflectir que as nodoas depreciam mais á fina cambraia do que o tecido grosseiro; e que, no primeiro caso, a viuvez e a orphandade se arrojам ao precipicio forçadas pela necessidade e falta de arrimo; e, no segundo, quando a nobreza e aristocracia, *independentes de taes razões*, maculam a sua honra, é pela sensualidade, pela lascivia e pela depravação...

E, n'estas condicções, quaes serão as mais culpadas e dignas da maldicção?!...

E' este um quadro bem lugubre, e que, apesar das suas funereas cores, ante elle poucas almas se commovem neste seculo das luzes!...

(Continúa.)

Brado popular.

O povo geme isolado
N'um templo de maldicção;
O direito é aviltado

Na face do cidadão;
Nunca vi tanta vileza,
Fazer homens com nobreza
Na minha terra natal...
Aqui tudo é *fidalgua*
Banhada de cobardia
Com cynismo imperial.

O pobre artista opprimido
Que custa o pão a ganhar,
Se vê de impostos cingido,
Noite e dia a trabalhar!
Oh, meu Deus! quanta agonia
Soffre o povo em calmaria
Na mais acerba afflicção.
Tenhamos valor e brio;
Rasgue-se o manto sombrio;
Venha a luz da redempção!...

Onde flutúa, em que parte,
Aqui se tem liberdade?
Esse sublime estandarte
Do scio da divindade...
Aos pés se calca a justiça,
O direito é a cobiça
Do magistrado venal;
Ser honrado é ter dinheiro;
Assim soffre o povo inteiro
Nessa miseria infernal!

Basta ja de soffrimento
Tão cheio de servilismo;
Soará breve o momento
Do tremendo cataclysmo!
Brademos á luz do dia,
Derribando a tyrannia
De *um poder* sem condicção,
Tenhamos um chefe feito
P'ra clamar nosso direito
Direito de cidadão.

Avante, povo gigante!
Sejamos um povo rei;
Seja um livro de brilhantes
O livro de nossa lei!
Si temos *independencia*,
Tenhamos outra existencia
Na terra da Santa Cruz;
Si temos nome de bravos,
Não devemos ser escravos
N'um seculo de tanta luz!...

Basta de tanta miseria,
Agite-se a multidão,
O sangue de mil arterias
Clama pela redempção!
Ergamos de sul ao norte
Um brado de guerra ou morte
Contra os nossos oppressores
Seja a America inteira,
Com a nação brasileira,
Um mundo de resplandores.

J. Soares da França.

VARIÉDADES.

As azeitonas.

Fallamos n'um dos *Almanaks* precedentes nas variantes que teve a historia que serviu á assumpto á fabula da leiteira de Lafontaine. Vimos que n'um livro indio se contava a mesma historia do *pot ou lait* com referencia a uma jarra de farinha, e quem n'uma comedia Gil Vicente se repetia com referencia ao póte d'azeite da Mofina Mendes. Mas uma das mais graciosas variantes, é a que serve de texto a uma comedia de Lope de Rueda — *Las Aceitunas*,

Um camponio vem para casa ceiar, depois de ter plantado umas oliveiras; começa a conversar com a mulher, e diz-lhes esta:

—D'aqui a seis ou sete annos estão as oliveiras vingadas, e têm azeitonas que ferve; eu vou apanhal-as, tu acarretal-as, e a nossa filha vai vendel-as á cidade a dois reaes castelhanos o selamin.

—Qual a dois reaes? torna elle, —a quatorze ou quinze dinheiros.

D'aqui nasce a questão. Chamamos a rapariga.

—Quanto has de pedir por selamin? pergunta-lhe elle.

—Aquillo que o papae quizer.

—Quatorze dinheiros.

—Dous reaes, ouvistes? brada a mãe.

—Pois sim, mãe, dous reaes.

—Quatorze dinheiros, berra o pae,

—O que o pae quizer.

—Ah! o que o pae quizer, acode a mãe. Essera!

Zás, taponna na rapariga. Ao barulho acode um visinho, informa-se da questão a que serve de arbitro.

—Mostre-me as azeitonas, diz elle.

—Quaes azeitonas! exclama o camponio; as oliveiras ainda hoje as plantei.

E por causa das azeitonas que haviam de nascer d'aqui a uns poucos de annos, levará a rapariga uma tareia.

Esperteza de uma hespanhola.

Ha dias apresentou-se uma senhora em uma loja de mercearia em Madrid, e fez algumas compras. No momento de pagar, declarou ter perdido o *porte-monaie*.

—Não ha duvida, minha senhora, amanha manda-se-lhe a conta.

—Eu mesmo irei leval-a, disse um cobrador galante.

—Eatá bem; mas advirto que ja não reside na mesma casa. Tome la este bilhete.

E entregou-lhe um bilhete, indicando a morada de um medico afamado.

Sabindo da loja, foi procurar o referido medico, porque era proximo da loja, e por isso a viram entrar.

—Cavalheiro, disse ella, tenho um sobrihuo completamente doudo. Imagine o doutor que elle se possuiu da mania de que é commerciante, e quando lhe parece vai a qualquer casa, e exige que lhe paguem uma conta imaginaria: Isto ja me tem causado mil dissabores. Desejava que o doutor o examinasse por alguns dias. Amanhan mando-o aqui e é provavel que lhe peça o que pede a toda gente.

O medico ficou inteirado de que tinha a tratar um doudo.

No dia seguinte appareceu-lhe o cobrador, e este julgando-se burlado, grita, injuria e diz o diabo ao medico. Este faz prendel-o e mettendo-o em uma carruagem, manda conduzil-o ao hospital de Leganés.

Ignoramos se esteve ali muito tempo; o que sabemos é que a dama passou aquelles dias tranquilla.

Não creio.

Não creio em viuva que não sahe do toucado.

Não creio em donzella que diz não amar.

Não creio em meretriz que jura ser fiel.

Não creio em brancos que apuram á geração.

Não creio em firmeza de certas deusas.

Não creio em medico que não examina o doente.

Não creio em estudante que não comprehende o que estuda.

Não creio em poeta que so faz versos de pé quebrado.

Não creio em homem que arrota valentia.

Não creio em carcamano que vende registos.

Não creio em frade que pula os muros do convento.

Não creio em homem que blasona consciencia.

Não creio em jogador que diz jogar licitamente.

Não creio na religião de homem avarento.

Não creio em cantor que desafina na modinha.

Não creio nos amigos da epocha.

Não creio em amor de poeta.

Não creio em deputado que so diz apoiado.

Não creio em barbeiro que traz as navallas cegas.

Não creio nas verdades de certo povo.

Não creio na rapaziada actual.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª

QUINTA-FEIRA 26 DE MAIO.

N. 650.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Tendo-se dado o facto de no dia 1.º de maio precipitar-se uma moça de uma das janellas da fabrica de tecidos, ao Engenho da Conceição, ficando em estado de grave perigo, levase ao conhecimento de S. S. para que mande syndicar si por acaso algum acto de oppressão a levou ao desesperado extremo de attentar contra sua propria existencia.

—Ao mesmo, communicando-lhe que os farinhaes do termo de Guarem queixam-se de violencias por parte do subdelegado Antonio Baptista dos Santos, o qual sendo encarregado da compra de farinha, por conta de certo negociante, priva-os da livre concurrencia, obrigando-os a vender-lhe todo genero que trazem ao mercado.

Dizem que tal authoridade posta-se na estrada á esperal-os e dá-lhes uma guia para um agente incumbido de arrecadar a farinha e si na volta não trazem recibo de que a entregaram são presos.

Semelhante systema de atravessamento é uma arbitrariedade contra o direito de propriedade e uma extorsão a liberdade do commercio, assaz censuravel, á ser exacto, praticado por uma authoridade; pelo que espera-se que S. S. collhendo informações dê as devidas providencias.

—Este mundo é um engano!

Si esta infeliz pensou algum dia que havia de chegar a tão deploravel estado!

—Quem é ella?

—A creoula Lucia.

—Uma que andava pelas ruas mentecapta, ha tempos?

—Sim.

Entretanto esta mulher que arqueja os derradeiros alentos da vida, atirada no meio do

pasto, já teve dias prasenteiros, já foi procurada e rodeiada de muitos.

—Mas que quadro incomprehensivel!

Uma moribunda expirando ao abandono, á porta do hospital de charidade, de uma casa cujo fim é receber os enfermos indigentes, socorrer aos desgraçados nas dôres do corpo e da alma!

—E' a charidade desta terra!

Lucia, subjugada pela molestia, cahiu na loja de uma casa á rua de Baixo, seus membros interiçaram-se não se poude mais mover, e está prestes a desprender o ultimo suspiro. O dono da casa foi ao subdelegado, que deu-lhe guia para ser recolhida ao hospital.

Porem na casa instituida para socorrer os desgraçados, engeitaram e mandaram atiral-a nestes capins encharcados, n'um dia chuvoso como este de hoje, segunda-feira.

—Que crueza! Deixar-se morrer uma creatura de Deus, no campo, como si fosse um cão despresado!

—O medico escreveu na guia do subdelegado que, soffrendo a enferma de alienação mental, não podia ser admittida no hospital sinão por graça *especial* do provedor!

—Esta é bem achada!

De maneira que si um doudo atirar-se de um sobrado e quebrar a perna, não pode ser tratado no hospital por ser doudo!

O que tem que a infeliz seja louca para se lhe prestar uma obra de humanidade?

Deve se deixar que a molestia invadindo o corpo, corte o fio da existencia de um ser humano, porque é doudo?

—Si o hospital não é para praticar charidade não mintam.

—E' que a charidade daqui é enguineada; para sobre-sahir é preciso ataviar-se no luxo e apparato.

—Um pobre e inoffensivo estrangeiro, que anda com o realejo ás costas para ganhar o pão, foi brutalmente espancado e roubado na praça do palacio!

—Como vae isto! Faz até medo se anda na rua.

—Uma baderna de dosalmados chamou-o para tocar até meia noite e por paga o desca-deiraram e roubaram.

—Não se pode commetter nada de mais selvagem.

—A's 3 horas da madrugada de segunda feira, andava o offendido em lastimavel estado a pedir soccorro.

—A quem, coitado? Os malfeitos entre nós não encontram tropeços.

—De manhan viam-se dispersos pela praça o realejo e outros objectos do offendido attes-tando a previdencia da policia desta terra.

—Capitão, nesta cidade se dão boas cou-sinhas.

—O senhor é quem sabe e quem diz.

—Ora saiba de mais uma.

—Diga la.

—No Desterro, mora um spirita e na lo-ja do sobrado uma senhora, conhecida pelo nome caseiro de *Quina*, a qual tem uma filha moça, idiota.

Sabindo no domingo para tratar dos ar-ranjos da vida, em sua ausencia, um escravo ou famulo do homem da manifestação dos espiritos, entrou-lhe em casa, agarrou na moça e passou-lhe uma formidavel esfrega de taca, dizendo que era preciso expellir dois diabos que a mesma tinha em si, para ficar boa.

—O mundo marcha; o progresso vae a pulos; até os escravos dos spiritas ja tiram diabo por conta e risco!

—Mas o que convém, á bem da inviolabili-dade da propriedade allieira e da garantia individual, é que não continuem os spiritas e seus escravos a praticar desses favores sem encommenda.

—Leu o relatorio do Resquin?

—Li.

—O que achou?

—Quê Resquin é um miseravel, um co-barde, um falsario, um renegado.

—E para mim mais do que isso.

E' um infame matreiro, que pretende cap-tar a indulgencia dos brasileiros com decla-rações fallazes e zapciosas.

Elle que foi o braço direito de Lopez em suas tyrannias, tão fallado nas atrocidades da fera, vem agora dizer que condemnava seu procedimento e lançar o escarro de execravel á memoria d'aquelle de quem foi vil instru-mento.

—No meu pensar não passa de um ente repulsivo e abjecto.

—Quanto a certas declarações que combi-nam com os nossos movimentos, foi de sagaz que elle fez. Tendo conhecimento delles in-

cluiu-os no seu depoimento para dar certo cunho de verdade no que dizia e ser accredi-tado. No mais é uma embaçadella que nos quer pregar.

—Mas como ama-se a traição e se aborre-ce ao traidor, elle ficará sendo sempre uma creatura desprezivel, um vil escravo que hei-ja as plantas do tyranno na prosperidade e que o escoucea depois da queda.

—Capitão, nem sempre os conventos são o asylo da paz e da virtude.

Muitas vezes entre as paredes sombrias do claustro passam-se scenas de horrores inau-ditos.

—Creio piamente.

—O seguinte factó o demonstra cabal-mente.

«A policia de Cracovia recebeu ultimamen-te uma carta anonyma, em que se lhe com-municava que em um claustro proximo fôra emparedada em 1848 uma freira, e pedia-se que investigasse sobre o caso. Chama-se a freira Barbara Abrik. Nasceu em 1817; en-trou para o convento das Carmelitas descal-ças em 1841; e crá ali freira ou externa, pon-to este que a justiça ainda não pôde averi-guar completamente; em 1848 foi encerrada na cella, onde a authoridade acaba de encon-tral-a. O convento, onde ella estava encerrada, fica em um dos mais lindos arrabaldes da Cra-covia, perto do Jardim Botanico, passeio pre-dilecto da cidade. Mal sabiam os que por ali passeiavam que naquelle claustro se passava uma scena que, descripta por algum dos nossos romancistas sentimentaes, seria con-siderada invenção de imaginação exaltada, mas que não seria senão reproducção fiel da medonha realidade.

«A policia, apenas recebeu a denuncia, pro-cedeu com a maior actividade para verificar a verdade. Não sei si era obrigada a recorrer ao bispo para auxiliar-a nas diligencias neces-sarias. Sob o regimen da concordata assim devia proceder. Obtida a licença, partiu o Dr. Gebhart, representante da authoridade civil, com o reverendo prelado Dr. Spital, e che-gando ao convento teve alguma difficuldade em obter ali ingresso, mas isto desapareceu com a presença do prelado e a licença do bispo. Quando o magistrado declarou á ir-man que os recebera que ia ali afim de ver e fallar com a freira Barbara Abrik, ella recuou attonita e respondeu que isso era impossivel. Quiz immediatamente retirar-se com outra freira, mas o Dr. Gebhart intimou-lhe, sob as penas da lei, que não desse um passo d'ali para fora sem ser em sua companhia.

«Seguidos então pelas freiras, o magistrado

e os commissarios subiram a um corredor superior, onde entre o refeitorio e as secretas mostraram-lhes a cella da freira fechada com porta dupla. Ao penetrarem na cella apresentou-lhes á vista um quadro, que mal pode ser descripto; mas que deve ser narrado para que se saiba quantos crimes podem ser commettidos sob o regimen da concordata e de regras arbitrarías, em plena irresponsabilidade. A cella tinha 7 pés de comprimento sobre 6 de largura.

«A janella fôra murada e apenas por uma estreita fenda penetrava tenue raio de luz diaria. Não se via ali nem mesa, nem cadeiras, nem cobertas que aquecessem na inclemencia do inverno. Era insupportavel o mau cheiro que dali se exhalava. Em um canto acocorada no meio de immundicies, sobre uma esteira de palha pôdre, jazia uma creatura completamente núa, meio humana, meio bruta, meio selvagem, meio louca, com o corpo immundo e sem côr distincta porque havia annos que não era lavado.

«Com aquelles membros emmagrecidos e pendentes, que mais eram ossos presos pela pelle, com as faces encovadas, com os longos cabellos desgrenhados, aquella horrivel creatura não podia ser imaginada nem por Dante, o poeta dos horrores. Aquelle medonho esqueleto de mulher, apenas avistou os commissarios, ergueu-se e pondo as mãos e chorando amargamente disse: «Estou morrendo de fome, tende piedade de mim; dae-me de comer e serei obediente.»

«O magistrado mandou immediatamente pedir ao bispo que comparecesse e este, cumpre fazer-lhe justiça, manifestou ante aquelle espectáculo a maior indignação; honra ao bispo Guleski. Mandou elle chamar a abbadessa, as freiras e o confessor do convento e lançou-lhes em rosto com a maior severidade as exprobrações merecidas pelo seu desh humano procedimento. A' miseravel abbadessa ordenou que transportassem a freira Barbara para outra cella, vestissem-a e tratassem della. Quando saiu daquelle antro immundo, a pobre creatura perguntou se voltaria de novo para a sua sepultura. A abbadessa parecia obedecer de má vontade ás ordens do bispo. Pensava, disse ella, que, poupando ao convento um escandalo, fazia acto agradavel aos olhos de Deus. O padre confessor declarou que a clausura da freira era facto sabido pelas authoridades ecclesiasticas, o que, tanto o bispo como o prelado commissario negaram com indignação; e aquelle immediatamente suspendeu do exercicio de suas funcções a abbadessa e o confessor. As freiras procuraram então desculpar-se, mas debalde. «Será este porventu-

ra, perguntou o bispo, o amor que vos ensinaram a consagrar ao vosso proximo? Esperaes chegar ao ceu por este caminho, vós, antes furias do que mulheres?» E, querendo ellas responder, o bispo bradou: «Silencio, sae da minha presença, que aqui offendeis a religião, retiraé-vos.» A freira, perguntada porque razão fôra clausurada, respondeu: «Quebrei o voto de castidade.»; e accrescentou com gesto terrivel e voz medonha: «Estas freiras tambem não são puras, não são anjos.» Então voltando-se para o padre confessor bradou: «Tu és uma féra.»

«No dia seguinte a freira foi visitada pelas authoridades medicas, que declararam que a pobre creatura recobrará inteiramente a razão. Quanto á confissão por ella feita de ter quebrado os votos, parece não ser senão illusão do seu espirito. A abbadessa apenas a accusou como douda, si é que pode haver accusação por tal.

«Em seguida a freira Barbara foi recolhida a um hospicio de loucos, onde parece recobrar a vida e a saude, respirando ar puro.

«A justiça segue seu curso, mas encontra grandes obstaculos em seu caminho, e um dos maiores é a opposição que faz a authoridade ecclesiastica a que as freiras deponham. Estas apresentam-se á authoridade cobertas de espesso véu, de sorte que não se pode saber quem é que depõe. A concordata é a causa de tudo isto; mas esperemos que este facto contribua para fazer conhecer quaes devem ser as relações do estado com a egreja.

«Algumas centenas de povo tentaram penetrar no convento com tenção de expellir delle as freiras e arrazar o edificio; a força publica teve de intervir.»

—A moralidade deste facto horrivel é que os conventos não podem deixar de estar sujeitos á inspecção inteiramente independente das authoridades civís.

—Nos Estados-Unidos o vigario é um padre que mora em humilde casa junto a sua matriz, dizendo missa todos os dias, pregando aos domingos, cuidando das almas; confessa, baptisa, visita os doentes, enterra os mortos; é julgado o pae, o amigo, o consolo dos pobres da parochia.

—E entre nós serão os vigarios assim?

A PEDIDO

—Capitão, peço-lhe que tenha commiseracão de um infeliz creoulinho de 12 annos.

—O que soffre elle?

—A descommunal barbaridade de um estrangeiro, cuja nação é ao redor do queiro.

—Isso compete ao chefe de policia.

—Mas V. Ex. pode erguer um brado a favor da victima opprimida.

—E' possivel; porem é preciso saber ao menos onde habita o oppressor.

—Ladeira dos Affligidos, lado de terra.

A pobre creatura é castigada horivelmente a cada passo.

A vizinhança á noite é despertada com os gritos arrancados pelas torturas.

—Está bem; veremos si se faz alguma cousa em seu favor.

Motte

*O cabo Chico Diabo
Do Diabo Chico deu cabo.*

GLOSA.

Da guerra o termo souo
Dessa lucta tão sangrenta,
Que o brio dos brasileiros
A mil heroes despertou;
Um a um foram com garbo
Para o Brasil colher gloria
E bradou por fim victoria
O Cabo Chico Diabo.

Travou-se leal combate,
Entre forças que lutavam,
E as hostes brasileiras
Como sempre triumpharam;
—Oh! patria mãe, vae morrer
Quem de ti fez menoscabo!
Disse um bravo, e de um so golpe
Do Diabo Chico deu cabo.

Sr. redactor.—Não pretendia voltar mais a imprensa para tratar do facto que se deu entre o tenente do 4.º batalhão Theotónio José de Sant'Anna e o major do 8.º; mas como li um artigo publicado no seu conceituado periodico, sou forçado a tornar as columnas delle, afim de dar a devida resposta a tal artigo, assignado—o major do 8.º batalhão.

Como já disse no *Alabama* n. 647, o tenente Theotónio recebeu ordem superior para aquartelar com o 8.º batalhão e, em cumprimento dessa ordem, dirigiu-se ao quartel da Palma para fallar ao barão commandante desse corpo; porem infelizmente não o encontrou e teve de entender-se com o major.

Ahi é que está todo o mal!

Nessa occasião, é verdade, appareceu o tenente quartel-mestre, *amigo intimo e querido* do commandante, *pelos seus bons serviços á elle prestados*; mas que nada disse a respeito do que allude o major no seu escripto publicado no *Alabama* ns. 648—649, de terça-feira 24 do corrente e, para isso provooco o capitão Marques Porto para dizer quando foi que o

tenente Theotónio pediu-lhe para aquartelar com outro batalhão que não fosse o seu.

No facto de dizer o major que elle desamparou o destacamento do forte de S. Pedro, falta com a verdade, pois nega o que entre elle e o tenente Theotónio passou-se dentro do quartel da Palma, segundo o artigo publicado no *Alabama* de sabbado 21 do corrente.

O tenente Theotónio é artista; tem meio de vida; não precisa, graças á Deus, de ser pataqueiro para poder viver, e nem é como *alguem* que, para ser tenente, bajula miseravelmente á um ricoço barão, servindo-o como um *bom criado* serve a seu amo!

Os homens sensatos que façam o juizo que entenderem do occorrido entre o tenente Theotónio e o milionario major do 8.º batalhão!

Voltarei si a isso for forçado.

O sentinella do portão.

VARIÉDADES.

Regras de prevenção.

Não ha militar que diga as vezes que correu de medo.

Não ha menino de escola que declare os bolos que apanhou.

Não ha negociante que explique quanto ganhou na fazenda.

Não ha estrangeiro que diga quanto possuía em sua terra.

Não ha testamenteiro que mostre o dinheiro certo que achou.

Não ha moça solteira que declare as molestias que tem e os namorados que tem tido.

Não ha medico que confesse as curas que errou.

Epigramma

A UMA VELHA NAMORADA.

Duas condições me cumpre,
Si queres meus ternos ais;
Vinte annos mostra menos,
Vinte dentes põe de mais.

Dous collegas.

Havia n'outro dia um esplendido baile em casa de certo figurão.

Chega-se um simples amanuense a um director de repartição e cumprimenta-o:

—Como vae, charo collega?

O outro sente-se offendido com aquella familiaridade e replica-lhe:

—V. sempre é um grande pedaço d'asno!

—Pois é por isso mesmo que o chamo collega!

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.^a

SABBADO 28 DE MAIO.

N. 651.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de maio de 1870.

Officio a camara municipal, para que mande tapar um buraco que existe na ladeira da Misericordia, afim de que o mesmo não vá so lapando o terreno e não venha depois a exigir um concerto dispendioso, alem do perigo de algum successo desagradavel em razão do immenso transito na mesma. Espera-se.

—Sou inimigo de pêtas.

—E eu.

—A Santa Casa vende os seus carneiros a 50\$ rs. Não abaixa um vintem.

—Diz que é para quem quer.

—E porque razão ha de dizer no recibo ou guia que passa, que o comprador deu 50\$ rs. por esmola para obter o carneiro?

—Formalidades.

—Mas quem recebe uma esmola contenta-se com o que lhe dão e não impõe o que se lhe deve dar.

A Santa Casa não ajusta; o pedaço de terra que vende para descanso de um finado tem preço fixo; acho bem excusado usar de coloridos. Si eu fôr lá com 49\$ rs. não me vende um carneiro.

Commigo não queria que dissessem que foi por esmola aquillo que me venderam bem vendido.

—Supponho que é simplesmente formula de escripturação para arredar a ideia de mercancia.

—Não ha desar em cada um transigir com o que é seu.

E é mais bonito do que certos arrogos de desinteresse phosphorico.

—Esta empreza do cisco não é susceptivel de correção!

Cada vez se torna mais deleixada.

—A culpa é de quem lhe passa a mão pela cabeça.

—No Maciel de baixo continua uma imunda bocca de lobo a causar damno a saude dos moradores. A trampa ali tem alagado a rua.

—Na propria praça de palacio não se pode estar quando o sol esquentá; é uma fedentina insupportavel, proveniente de quatro ou cinco mijadouros que ali fizeram.

—Do lado da casa da moeda é uma lagoa.

—E o homem vae chulando os cobres e zombando da gente.

—Amanhan terá logar no convento dos religiosos franciscanos um *Te-Deum* em aecção de graças, celebrado por aquelles religiosos, ao Todo Poderoso, pela feliz terminação da guerra contra o despota do Paraguay.

—Estou sciente.

—A sociedade libertadora SETE DE SETEMBRO, em regosijo pela terminação da guerra do Paraguay, entregou 43 cartas de liberdade, sendo 19 conferidas gratuitamente e 24 compradas.

Dos libertos são 15 adultos e 28 menores, sendo 10 do sexo masculino e 33 do feminino.

A sociedade despendeu com estas libertades 6:598\$ rs.

Foram proclamados socios benemeritos, de conformidade com o art. 2.^o § 2.^o dos estatutos, o Dr. Arsenio de Souza Marques, Ildefonso Moreira Sergio e D. Joanna Nepomuceno dos Santos.

—O acto esteve solemne.

—O Dr. Frederico Marinho d'Araujo apresentou uma menina vinda de Muritiba para ser vendida por 500\$ rs., havendo já para sua liberdade 200\$ rs., e implorando a philantropia dos associados e mais pessoas, correu a bolsa, recolhendo 371\$ rs., sendo 50\$ rs. dado pelo Sr. Felisberto Nunes Sarmiento, 50\$ rs. pelo barão de Pereira Marinho, 100\$ rs. pelo conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, por si e seus amigos, o 171\$ rs. por contribuição dos socios e pessoas presentes.

A subscrição promovida pelo Sr. Cyrillo Eloy em beneficio do menor Aristobulo ren.

deu 206\$ rs., sendo 100\$ rs. dados pela sociedade maçônica ABRIGO DA HUMANIDADE. Esse infeliz é escravo do Sr. Vicente Ferreira da Cruz, subdelegado da cidade de Cachoeira, o qual exige pela sua liberdade 600\$ rs!

—Cruel!

—A sociedade SETE DE SETEMBRO foi felicitada por diversas associações piás, litterarias e recreativas, por meio de suas comissões em bem elaborados e eloquentes discursos.

—E Deus que proteja os obreiros dessa santa edificação a deitarem a ultima pedra no seu philantropico e humanitario edificio — LIBERDADE AO ESCRAVO!

—Em uma casa ao Taboão estão todas as moradoras envenenadas.

—Isso é de arrepiar os cabellos! Foi acaso ou malvadez?

—Ignoro,

—Mas como se deu tão lamentavel successo?

—Uma mulher, que fôra ama da casa, conhecida por Maria Gostosa, trouxe de Itapagipe uns siris cosidos de presente.

A's 8 horas da noite de quarta-feira, comeram delles Joanna da Costa Lima, Mauricia de tal, Mathildes e a menor Monica. A's 10 horas começaram a sentir encommodo, que foi em augmento, desenvolvendo-se ancias e dôres agudissimas. Mauricia, de maior idade, expirou no dia immediato. A uma dellas não ha esperanza de salvar-se e as outras estão mal.

O chefe de policia appareceu na casa á meia noite de quinta-feira e tomou conhecimento do facto.

Parece que expediu-se precatoria para a prisão de Maria Gostosa.

—Ha um costume perigosissimo dos nossos pescadores á que elles dão pouca importancia e do qual entretanto, muitas vezes, tem resultado consequencias desastrosas. E' o de não separarem, na pescaria, o baiacú, peixe venenoso, dos demais, deixando-ós no mesmo côfo por uma noite até de manhan, quando os levam ao consummo. Quem sabe si não proveio dahi o mal?

—Talvez. Creio que a policia vae mandar fazer autopsia no cadaver de Mauricia, e é provavel que chegue ao conhecimento.

—E' um facto que tem causado consternação geral.

—Capitão, venho lhe propor um caso por hypotheses.

—Eu sou mais amigo da realidade.

—Si por acaso um senhor espancar um

escravo de maneira que este, em seguida, começa a lançar sangue; falleça no dia immediato e seja enterrado duas horas depois, não se pode presupor que houve assassinato?

—Sem duvida.

—Mas si o crime se der em segredo e so dias depois, nove ou dez por exemplo, transpire, o que se deve fazer para descobri-lo?

—Ouvir as pessoas da familia, os parceiros do escravo, o medico que tratou-o, a botica que aviou as receitas e outras averiguações peculiares á policia.

—E' o que eu queria saber, para explicar ao José que me fez semelhante consulta, á proposito de uma conversa que tivemos sobre as barbaridades de um conde.

—E so por isso veio me pregar tamanha massada?

—A cousa massa mesmo.

—Pois meu empadaria da ingenuidade com que lhe ouvi desta vez; para outra chei de pol-o no meio da rua a enfiar contis.

—Um resuscitado Girame no Diario da Bahia tem apresentado ultimamente o nome de tres cidadãos á senatoria.

—E' por caçoadá.

—Deve ser lembrança de algum branco de raça apurada.

—Assim é bom, para que os homens de côr vão conhecendo os democratas desta terra.

—Na quinta-feira, á noite houve um grande sarceiro na ladeira da Ordem Terceira de S. Francisco.

—Ja ouvi dizer isso; teve até faca fora.

—E dizem que os filhos do Gallinheiro estiveram envolvidos no brinquedo.

O barulho originou se dentro da casa de uma meretriz, parda, que ahí mora!

—E a policia não prendeu os turbulentos?

—A policia se occupa em outras cousas e não nessas téteas!

—Os voluntarios da patria foram hontem a palacio.

—Despedir-se do presidente?

—O que! Exigirem o pagamento de soldo que lhes devem e suas baixas.

—A cousa não é de brinquedo. Dinheiro é sangue.

—O presidente mandou dizer que estava occupado e não podia dar audiencia.

Os homens implicaram e um pouco azedos replicaram que o imperador que era o imperador, dava audiencia em qualquer dia.

S. Ex. então deitou agua na fervera respondendo que se retirassem em paz porque

no outro dia seriam pagos. Os homens se retiraram declarando que voltariam amanhã, caso não fossem pagos.

— Dizem que não é a primeira vez que pedem o que é seu.

— Já foram ao commandante das armas também e nada conseguiram.

— A patrulha prendeu, na quinta-feira á noite, um escravo do capitão João Carvalho porque levava uma trouxa e ella suppoz ser algum roubo.

— O preto não resistiu a prisão, seguiu; mas chegando na porta do senhor enbarafustou por dentro de casa.

A patrulha entrou atraz para agarral-o.

O capitão João Carvalho fez ver aos soldados que se retirassem, pois não podiam invadir sua casa.

Os soldados resistiram; pelo que alguns amigos do capitão João Carvalho que ali se achavam, deitaram-nos para rua por meio de força!

— Em que terra estamos, meu Deus!

— Até no hospital de charidade penetrou o olho-vivo!

— E' uma raça inextinguível.

— Hygino Carneiro, achando-se no hospital doente, veio do reconcavo sua mãe vel-o.

Mas naquella, casa onde só se respira o aroma do pudor, é reputado grave indecencia homem fallar com mulher, embora seja mãe com filho, ou mulher com marido.

— Ali só as charidades podem ter relações com os homens.

— E' um dos absurdos plantados naquella casa pelas mulheres de chapéu de abano.

O doente não pode ter a consolação de ver sua filha, sua esposa, sua mãe.

Não permittiram pois, que a mãe de Hygino o visse.

Pegou ella em 5\$ rs., fechou em uma carta e pediu que entregassem ao filho, e mais um caixão de doce. Assulinharam os cobres e o doce, e o rapaz só teve noticia do presente agora, que sahiu do hospital.

— A mãe não sabe a quem deu?

— A uma irman, que disse ser a porteira.

— A superiora teve conhecimento?

— Teve.

— O que disse?

— Que Deus era bom pae.

— Ora essa! não sabia eu que era também predicado das charitativas sonegarem o alheio.

— Quinta-feira houveram cabeças quebradas, facadas, muito costado amassado e muita costella fracturada.

— Aqui na cidade?

— Em um dos *terreiros* da Quinta das Beatas. O candomblé acabou em pancadaria; o proprietario da Quinta pretendeu accommodar o sarceiro, mas não o attenderam.

— Não sei a policia para que tolera esses antros de immoralidade, dos quaes a ignorancia e credulidade são sustentaculos.

— O que eu não posso conceber é a fé com que nossos patricios e patricias veneram a Jesus-Christo pregado na Cruz e rendem cultos a phantasiada *mãe d'agua*, a uma serpente, a um passaro, etc.

A PEDIDO

● pombinho das Mercez.

Minhas gentes venham ver
Um divertido entremez,
Representa de galan
O pombinho das Mercez.

Dentro de certo convento
Elle passou uma vez,
Tomou seu banho cheiroso
O pombinho das Mercez.

Mais que um sultão no serralho
Naquella casa elle fez;
Perdeu de todo o juizo
O pombinho das Mercez.

Sua Dorothea chora,
Chora, chora ha mais de um mez
Por que voou-lhe do ninho
O pombinho das Mercez.

E quer que este povo o tenha
Por innocente talvez,
O padeco e rufião,
O pombinho das Mercez.

Minha gente vejam elle,
E' um bobo de entremez;
Vem todo se sacudindo
O pombinho das Mercez?

E' gamenho namorado
O penteado freguez;
Mas deixem comer seu milho
O pombinho das Mercez.

O seu segredo trahiu,
Romana, maldieta rez;
Abusou da confissão
O pombinho das Mercez.

Musa, paremos aqui,
Ja basta por esta vez:
Fique pois bem conhecido
O pombinho das Mercez.

Dr. J. V. J.

A beata.

A Maria de olhos negros
 Fez-se beata da Sé,
 Ora á noute, resa ao dia;
 Porem n'ella quem tem fé?
 Si o povo concorre a egreja,
 A Maria vê-se lá,
 Os labios sempre calados,
 Seu olhar de lá p'ra cá.

Namorados, namorados
 Corram todos para a Sé,
 Que a Maria de olhos negros
 Fez-se beata — tem fé.

Dizem todos, si é mentira
 Peccarei pelos demais;
 Que em vez de rezas, do seio
 Desprende sentidos ais!

Namorados, namorados
 A missa á que horas é?
 Corram todos que a Maria
 Fez-se beata da Sé.

Na cabeça o lenço branco
 Do sol quebranta o calor,
 Sempre a face desmaiada
 Verga o corpo de languor.

Namorados, namorados
 O seu Deus, dizei, qual é?
 A Maria de olhos negros
 Será beata da Sé?

Falla a um, cochixa a outro,
 Para todos sabe rir;
 Desmaia; cora; enfranquece;
 Faz n'um ai a dor se ouvir.

Namorados, namorados,
 A devoção assim é?
 Eu não sei, mas dizem todos:
 Eis a beata da Sé.

Eu não sei e nem quebrada
 Quero ver a minha fé;
 Namorados a Maria
 Será beata da Sé?

Desmaiada a face mostra,
 Verga o corpo de languor;
 No frouxo olhar tem desejos;
 Mas serão pelo Senhor?

Namorados, namorados,
 O seu Deus não sei qual é
 Mas vos juro: por beata
 Maria não vae a Sé.

1870.

J. H. G. S.
 (Extr.)

Charadas.

Faze assim como faz quem poda a vido,—2
 Faze assim como faz quem pode e tem—1

Guapa comida saborosa e bella,
 Bello presente p'ra mandar-se a alguem.

Quasi todo o mendigo em mim s'arrima.—1
 Em qualquer eleição comparecemos—2
 De uma provincia respeitavel
 Um regente ao Brasil outr'ora demos.

VARIÉDADES.**A charidade.**

Lançada á beira do mar,
 Ondé a maré vae crescendo,
 Pobre creança amanhece,
 De frio quasi morrendo!

No canto immundo da rua,
 Pelos cães ja farejado,
 Outro innocente jazia
 A' morte certa votado.

O anjo da charidade
 No seu regaço as tomou;
 E risonho e bondadoso
 A' porta santa os levou.

Uma volta de uma roda...
 E uma campa que sôa...
 Não mais que isto... estão salvos!...
 Deus esta casa abençoa.

«Meu pae, minha mãe,
 «Me abandonaram,
 «Os anjos de mim
 «Conta tomaram.

ANNUNCIOS.

O commandante do novo batalhão — *Defensores de Pirajá* — que tem de guardar os carros triumphaes, no dia 5 de julho, ao seu pavilhão, convida a todos os Srs. que receberam cartas para officiaes do mesmo, e aos mais cidadãos amigos deste dia a comparecerem amanha ás 4 horas da tarde, no largo do Theatro n. 87, para tratar-se sobre o mesmo batalhão; não sendo preciso despeza alguma pelos officiaes e sim todas feitas pelo batalhão. Bahia 28 de maio de 1870.

Pede-se a um professor da praia na *Conceição* que queira apparecer em uma tenda de ferreiro para tratar de negocio que não ignorá, pois que o dia 5 de maio ja la se foi; faz-se-lhe esta pequena lembrança afim de não tornar a esquecer-se e quando deive de apparecer se estampará seu nome e a qualidade do negocio nesta folha, assim como a satisfação tomada no becco do Ferrão.

Bahia 17 de maio de 1870.

Joaquim Jorge Santos Maia.